

CONTRA A HERESIA ESPÍRITA

6

FREI BOAVENTURA, O. F. M.

O LIVRO NEGRO DO
ESPIRITISMO



1955

EDITORA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

25,2
75733927-0
CONTRA A HERESIA ESPÍRITA

6

FREI BOAVENTURA, O. F. M.

O LIVRO NEGRO DO ESPIRITISMO



1955

EDITORA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

plorada pelos propagadores do erro, do pecado e da superstição. A prática da necromancia é airoosamente envolvida no manto cristão da caridade e o exercício da magia é cuidadosamente dissimulado sob a piedosa capa da devoção aos Santos.

A instrução é o remédio da ignorância. O presente livrinho quer apenas ajudar a esclarecer. Destina-se aos católicos que, ou por ignorância ou levados por falsa propaganda, sucumbiram à tentação de consultar os modernos pitões e são constantemente solicitados para isso.

O estudo da primeira parte se baseia sobretudo nas obras de Allan Kardec, que, apesar de francês (seu nome verdadeiro é: Leão Hipólito Denizart Rivail, nasceu em Lião em 1804 e morreu em Paris em 1869), é a maior autoridade espírita do Brasil. Para evitar a fastidiosa repetição de seu nome e de suas obras, usaremos um sistema de siglas que nos permitirá citação abundante, fácil e exata das próprias palavras do codificador da Doutrina Espírita.

AK significará sempre: Allan Kardec.

As obras principais de AK são sete, que serão citadas na ordem cronológica em que foram publicadas por seu autor. Faremos uso da edição da Federação Espírita Brasileira. O número romano indicará a obra e o arábico, a página.

- I. O Livro dos Espíritos (1857), 22ª edição brasileira (1950).
- II. O que é o Espiritismo (1859), 10ª edição brasileira (1950).
- III. O Livro dos Médiuns (1861), 20ª edição brasileira (1950).
- IV. O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), 39ª edição brasileira (1950).
- V. O Céu e o Inferno (1865), 16ª edição brasileira (1950).
- VI. A Gênese (1868), edição brasileira de 1949.
- VII. Obras Póstumas, 10ª edição brasileira (1949).

Assim, por exemplo, a citação: III, 343 significa: O Livro dos Médiuns, 20ª edição da Federação Espírita Brasileira (1950), página 343. Ou: IV, 259 quer dizer: O Evangelho segundo o Espiritismo, 39ª edição da Federação Espírita Brasileira (1950), página 259.

A cerrada documentação com que mostraremos a inutilidade racional, a proibição divina e o perigo natural da evocação dos espíritos, deixará na mente do atento leitor a impressão de estar diante dum autêntico Livro Negro do Espiritismo...

1) E' RACIONALMENTE INÚTIL EVOCAR ESPÍRITOS.

1) Os quatro fatores formativos da Doutrina Espírita.

A Doutrina Espírita repousa inteiramente sobre a evocação dos espíritos. Nisto precisamente os espíritas distinguem sua filosofia das outras, em que estas são o produto da simples e pura especulação falível da razão humana, enquanto a filosofia deles seria o resultado da revelação dos espíritos do além, que se teriam comunicado com a humanidade por meio de certas pessoas especialmente preparadas para isso e que por esta razão receberam a denominação de médiuns. Numerosos médiuns serviram e continuam a servir de intermediários entre a humanidade e os espíritos reveladores. Muitos e de variada capacidade intelectual e moral foram também os espíritos do além que nos teriam falado. Estas múltiplas e variadas comunicações recebidas pelos médiuns foram estudadas, selecionadas, coligidas e codificadas em um só corpo doutrinário pelo Sr. Leão Hipólito Denizart Rivail, que as publicou em vários livros (sob o pseudônimo de Allan Kardec) e que, por isso, é denominado "o codificador da Doutrina Espírita".

E', pois, a Doutrina Espírita o resultado de um complexo de quatro fatores que devem ser estudados com muito cuidado: 1) O fato da evocação dos espíritos; 2) o instrumento da revelação espírita, ou o médium; 3) os próprios espíritos que se comunicam; 4) a codificação das mensagens. Por conseguinte, para que a Doutrina Espírita ou qualquer outra mensagem "do além" apresente garantias de credibilidade ou aceitabilidade, é de todo indispensável saber:

1) *se a evocação dos espíritos é um fato indiscutivelmente demonstrado.* Qualquer dúvida a este respeito seria um abalo total nos próprios fundamentos da Doutrina Es-

pírita. A negação deste fato seria a contestação radical do Espiritismo. Sem evocação dos espíritos não há Espiritismo. Ele se baseia de todo em todo sobre a prática da evocação dos mortos. Essa verificação é importante, se considerarmos, como veremos na segunda parte, que a evocação dos mortos ou espíritos foi com muito rigor vedada por Deus, que a condenou como "maldade e abominação". Assim fica desde já comprovado que o Espiritismo se coloca sobre uma prática intrinsecamente "má e abominável". A desobediência declarada contra Deus, a revolta aberta contra o Criador: eis a principal pedra sobre que repousa todo o movimento espírita. Para garantir e justificar sua Doutrina, os espíritas não deveriam apenas demonstrar que de fato recebem comunicações do além, mas que Deus ou nunca interdito a evocação, ou revogou definitivamente a proibição, determinando agora que aquilo que antigamente fora condenado como maldade e abominação e punido com os castigos mais severos, fosse hoje transformado em princípio e fundamento de uma nova Religião Sua. Mas para esta primeira parte do nosso ensaio deixemos de lado o aspecto da liceidade e fixemos apenas a questão do fato da comunicação com os espíritos. Fique pois consignado que, para que a Doutrina Espírita possa subsistir, a comunicação com os espíritos deve ser um *fato* provado, uma realidade indiscutível, e não somente uma *hipótese*. Porque, se fosse apenas hipótese, hipotética seria toda a construção que sobre ela se alevantar.

2) *se o médium ou os médiuns que serviram de instrumento para a revelação espírita eram pessoas de absoluta confiança e credibilidade*, transmitindo apenas e exclusivamente as mensagens recebidas dos espíritos, sem recorrer, nem consciente nem inconscientemente, ao depósito dos conhecimentos próprios. Qualquer dúvida a respeito da honestidade ou da perfeita capacidade mediúmica destes instrumentos significaria novo abalo para a perfeita credibilidade da Doutrina Espírita. Também isso é em si evidente, mesmo que aceitemos como certo o primeiro ponto, isto é: o fato da comunicação com os espíritos do além.

3) *se para a Doutrina Espírita foram aproveitadas apenas mensagens dos espíritos certamente sinceros, bons, sábios e competentes.* Deve haver garantia absoluta de que todas as comunicações dos espíritos maus, frívolos, brincalhões e zombeteiros foram postas de lado. Qualquer dúvida a este respeito desabonaria outra vez o resto da Doutrina, ainda que nos fossem assegurados os dois primeiros pontos, a saber: que de fato houve comunicação com os falecidos e que o médium era mesmo probo e capaz.

4) *se o codificador era homem intangivelmente honesto, correto e leal,* codificando apenas as comunicações recebidas de espíritos superiores, bons e sábios, recebidas exclusivamente por médiuns inatacáveis e competentes. Deve haver certeza controlável de que o codificador não modificou pessoalmente nenhuma comunicação, nem introduziu um pensamento próprio não recebido dos espíritos, sem anotá-lo com escrupuloso cuidado. Qualquer dúvida fundada acerca da honestidade científica ou da integridade moral do codificador lançaria suspeitas negras também sobre o resto da Doutrina, muito embora possuíssemos garantias suficientes para as três primeiras exigências: que houve indubitavelmente mensagens do além, que o médium era pessoa competente e digna, que todas as mensagens de espíritos inferiores foram identificadas e rejeitadas.

São esses os quatro fatores ou postulados que garantem a credibilidade da Doutrina Espírita, com também de qualquer outra mensagem espírita. Faltando qualquer um deles, já não haverá credibilidade e seria suma imprudência abraçar semelhante sistema como religião. Havendo dúvidas a respeito de qualquer um deles, duvidosa será a doutrina toda. Se qualquer um deles for apenas hipotético, hipotética será também a doutrina inteira. Se, porém, todos os quatro pontos forem indiscutivelmente certos, a Doutrina Espírita apresentará suficientes motivos de credibilidade e pode e deve ser aceita por todo ser pensante.

Estes postulados fundamentais da Doutrina Espírita já nos fazem entrever que o interesse máximo da apologia do Espiritismo há de girar sempre em torno destes pontos: provar que a comunicação com o além é uma realidade e

não foi proibida por Deus (e por isso procuram negar a inspiração divina da Bíblia); que há médiuns excelentes intangíveis em sua honestidade e que não fraudaram nem de modo consciente nem inconsciente; que é possível identificar os espíritos superiores e distingui-los dos maus ou zombeteiros; que Allan Kardec foi pessoa altamente honesta, honrada, inteligente e capaz.

A discussão em torno da realidade ou não das manifestações de espíritos evocados (primeiro ponto), já encheu numerosos volumes pró e contra. Os espíritas não apresentaram até hoje uma demonstração irrefragável e cabal de que os chamados "fenômenos espíritas" são de fato causados pelos espíritos. As exigências de certas circunstâncias e condições, sem as quais não há manifestação, são sempre suspeitas. O fato de haver alguns poucos cientistas de renome que endossaram a tese espírita, é contrabalançado pelo fato oposto de haver outra série muito mais numerosa de cientistas que ou negam de todo a tese espírita, ou consideram-na ainda insuficientemente comprovada. Só isto basta para colocar a tese espírita entre as *hipóteses*, se é que já chegou a merecer oficialmente ao menos esta posição. E com isto toda a Doutrina Espírita não passaria também de simples hipótese.

Não é, porém, nossa intenção discorrer sobre a causa dos fenômenos espíritas. Será vastíssimo assunto para outra brochura especial. Pois a negação do primeiro postulado espírita tornaria supérflua qualquer discussão posterior dos outros três. Mas os espíritas evidentemente não se conformariam com aquela negação e tornariam a insistir no primeiro ponto. E desta forma a discussão se prolongaria a perder de vista, sempre e apenas em torno da natureza e da causa dos fenômenos mediúnicos. E' o que verificamos na abundante literatura espírita e antiespírita já existente. Se os espíritas não conseguiram até hoje demonstrar de modo irrefutável sua tese, seus adversários tão pouco puderam opor-lhes outra explicação satisfatória e universalmente aceita. Se é hipotética a explicação espírita, hipotética é também a tese antiespírita. Por isso a posição que tomaremos no presente ensaio será a seguinte: recorreremos

ao processo do "dato non probato", apenas para podermos continuar a argumentação com o adversário e discutir os restantes três postulados espíritas. Daremos, pois, como fato aceito o primeiro postulado, isto é: *suporemos* que o Espiritismo consegue realmente evocar espíritos do além e, à base desta graciosa concessão, investigaremos a credibilidade das mensagens espíritas. Nossa pergunta é esta: embora certamente ditadas por espíritos do além, merecerão estas revelações a nossa fé e o nosso assentimento?

O homem não é cego; é um ser racional. Ele deve por isso orientar a sua vida segundo os ditames da razão e não conforme os impulsos do instinto cego. Uma fé inteiramente cega, sem os motivos de credibilidade, seria irrazoável e indigna do homem. Compreendemos sem dificuldade que Deus pode comunicar-se com os homens, revelando-nos certas verdades, mesmo tais que transcendam inteiramente a nossa limitada capacidade racional, impondo-nos mandamentos, prescrevendo ritos e orações, etc. Mas ao mesmo tempo exigimos, como postulado absoluto da nossa razão, que esse invisível Deus-Revelador nos apresente motivos de credibilidade, nos dê garantias e provas seguras de que não estamos sendo iludidos, mistificados e enganados por espíritos maus. Assentimos de bom grado e com coração agradecido a tudo que Deus nos revela e manda, mas só depois de termos conseguido *certeza* de que foi realmente Deus quem nos falou. Confessamo-nos crentes, mas repelimos sempre e enérgicamente a credulidade! Não é a quaisquer aparições ou comunicações do além que nos sujeitamos, ainda mesmo sob as aparências exclusivas do bem: queremos e temos sempre direito de reclamar provas de identidade. Cego e irracional seria, e indigno do homem e sobretudo extremamente imprudente, aceitar sem as garantias de sua origem divina, comunicações e instruções do mundo invisível e incontrolável dos espíritos. Pois existe sempre e *a priori* a possibilidade de sermos vítimas do mal que se apresenta sob as aparências do bem. Porquanto é só sob tais aparências do bem que o mal pode ter esperança de ser aceito pelo homem normal e sã. Ninguém aceitaria o mal como mal. Por isso nos admoesta São

Paulo: "O próprio Satanás se transforma em anjo da luz e seus servidores se transformam em servos da justiça" (2 Cor 11, 14.s.)

Pois bem, essa mesma deve ser também a nossa atitude perante as mensagens recebidas pelos espíritas por meio dos médiuns, dado que sejam realmente comunicações do além. Assim como o homem racional não aceita cegamente, sem garantias de sua origem e sem motivos de credibilidade, nem mesmo as revelações do próprio Deus, da mesma forma não aceita, nem pode aceitar, sem aquelas mesmas precauções, as mensagens que se dizem ditadas pelos espíritos. A posse destas garantias é condição fundamental para a aceitabilidade das mensagens espíritas. Estudaremos portanto: a credibilidade do médium, a credibilidade dos espíritos que se comunicam e a credibilidade da codificação.

2) A Credibilidade dos Médiuns.

Demos a palavra ao mestre espírita AK:

"Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes" (III, 55): "Médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes" (VII, 51; cf. I, 19; II, 134). Portanto, para podermos obter alguma mensagem dos Espíritos, se não tivermos nós mesmos a faculdade mediúnica, devemos servir-nos destes médiuns.

Dai é evidente que, em primeiro lugar, a credibilidade da mensagem depende da confiança que merece o próprio médium, do qual nos servimos como dum instrumento indispensável.

"A faculdade mediúnica — esclarece AK — é uma propriedade do organismo e não depende das qualidades morais do médium" (II, 237; cf. III, 166). Os médiuns moralmente inatacáveis não são, nem por isso, os melhores. Os bons médiuns "são raros" (III, 237), e "por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito, que não possa ser atacado por algum lado fraco" (III, 238), pois "os médiuns de mais mérito não estão ao abrigo das mistificações dos Espíritos embusteiros; primeiro, porque não há

ainda, entre nós, pessoa assaz perfeita, para não ter algum lado fraco, pelo que dê acesso aos maus Espíritos; segundo, porque os bons Espíritos permitem mesmo, às vezes, que os maus venham, a fim de exercitarmos a nossa razão”, etc. (III, 132). Em suma: não podemos confiar sem mais nos médiuns: “Ao evocador e, mesmo, ao simples observador, cabe apreciar o mérito do instrumento” (II, 134).

E assim a primeira grande dificuldade será encontrar um médium, que não só disponha duma faculdade mediúnica bem desenvolvida, mas que seja ao mesmo tempo moralmente inatacável e digno de confiança, para que possa servir de instrumento para um negócio tão importante e sério qual é o de receber novas revelações do além. Pois, como reconhece o próprio AK, “nada se prestaria melhor ao charlatanismo e à trapaça do que semelhante ofício” (III, 343). E precisamente a história dos médiuns é uma interminável história de fraudes conscientes ou inconscientes.

a) *Fraudes Conscientes.*

Longe de nós afirmar que todos os fenômenos mediúnicos são efeitos da fraude consciente. Queremos salientar apenas a existência relativamente abundante das fraudes conscientes, que podem ser praticadas também por verdadeiros médiuns. Nos Estados Unidos existem até mesmo “Escolas de Mediunidade”, onde se aprende a fazer materializações, fotografias de espíritos, sessão de gabinete, etc. Já o velho Petrônio dizia: “Mundus vult decipi”: O mundo quer ser enganado, e por isso sempre tem havido velhacos, embusteiros e trapaceiros que trataram de satisfazer este desejo das massas. Pois “é infinito o número dos tolos” (Ecle 1, 15). Ademais, a própria sessão é sumamente convidativa para o velhaco: a meia escuridão que aí reina, sem a qual, como dizem, “os espíritos não podem comunicar-se”; a música e o canto que encobrem outros rumores que poderiam ser suspeitos; a proibição de tocar no médium ou de acender a luz quando o médium diz estar em estado de transe; a necessidade de respeitar suas determinações; o gabinete e a cortina atrás da qual o médium trabalha à vontade; a

credulidade dos assistentes, que já vêm dispostos a aceitar tudo...

Mas falem-nos os próprios espíritas:

AK confessa: "Encheríamos um volume dos mais curiosos, se houvéramos de referir todas as mistificações de que temos tido conhecimento" (III, 342). Também Leão Denis: "Muitos (médiums) têm sido desmascarados em plena sessão; alguns já foram colhidos nas malhas de ruidosos processos" (*No Invisível*, 5ª ed. p. 401). Outro fiel companheiro e continuador de AK, Camilo Flammarion, escreveu: "Posso dizer que nestes quarenta anos quase todos os médiums célebres passaram pelo meu salão — e a quase todos surpreendi em fraude" (*Les forces naturelles inconnués*, p. 90). Muitos médiums, dos mais conceituados e famosos, acabaram confessando que tudo tinha sido fraude. Poderíamos transcrever longas páginas dessas confissões. Mas podem ser encontradas facilmente nos excelentes livros do Pe. Heredia (*Fraudes Espíritas e Fenômenos Metapsíquicos*, Editora Vozes) e do Pe. A. Negromonte (*O que é o Espiritismo*, Editora Santa Maria). Para completar aquelas coleções, arquivemos ainda os seguintes fatos que foram verificados recentemente entre nós:

Em 1949 um grupo de jornalistas espíritas promoveu no *Diário da Noite* de São Paulo uma longa série de 70 reportagens, sob este título geral: "Há ou não há fenômenos espíritas em São Paulo?" Inicialmente foi feito um convite "a todos os experimentadores e a todos os centros em que se processam fenômenos de materialização ou de transporte", para verificar a autenticidade dos mesmos. "Noite-se — acentuava o jornalista espírita J. Herculano Pires, para animar os centros e se submeterem ao controle — que constituímos um grupo, em sua quase totalidade, de espíritas, interessado, portanto, muito mais na autenticidade do que na inveracidade dos fenômenos" (30-4-1949). No entanto, só pouquíssimos centros se prontificaram para este controle. Pois bem, esta longa série de reportagens constituiu o mais sensacional capítulo sobre a fraude escrito no Brasil. Já os vários títulos o propalavam. Exemplos: "Avalanche de mistificações nas chamadas sessões de materialização"

zação”; “Arrancando a máscara a um campeão da fraude”; “Dramática derrota de um médium fraudulento”; “Exigem fenômenos e o médium os produz”; “Testemunhou fraudes espíritas em São Paulo, Santos e Sorocaba”, etc. A conclusão final, a que chegaram: “Fraude — regra geral” (18-7-1949). Foram surpreendidos em fraude manifesta os seguintes médiuns: Oscar Barbosa, Oswaldo Pereira de Oliveira, José Correia das Neves, João Rodrigues Cosme, Lúcio Cosme, Sebastião Egídio de Sousa Aranha, Valdemar Lino, Francisco Antunes Bello (o médium do famoso caso da operação em Pindamonhangaba) e outros mais. Fazendo um balanço geral, escreve o jornalista espírita Wandick Freitas: “Dos fenômenos simulados pelos próprios médiuns, fraudes perfeitamente verificadas, anotamos, entre outros: levitações de cornetas (magafones); toques de mãos (simulação de materialização); voz direta; transporte (um par de luvas de borracha transportado para a sala da sessão dentro dos sapatos); raps (pancadas); estalos de dedos e de nervos; amarração de mãos em várias posições com as próprias gravatas; levitação de vitrola e diversos objetos mais leves; simulação de transe e de possessão por espíritos inferiores, etc. Algumas fraudes foram filmadas em completa escuridade com filmes infravermelhos” (18-7-1949).

“O médium está atualmente — lamenta o mesmo jornalista espírita — pelo menos em São Paulo, totalmente entregue ao espontâneo e ao sabor dos caprichos que esse espontâneo pressupõe; não se desenvolve obediente a nenhum método, gradual e intensivo: não se entrega ao exercício de suas faculdades em condições adequadas e em meios que possam, não só influir no seu desenvolvimento, como estudar o médium, a faculdade que revela e os fenômenos que por ela se produzem. Em quase todos os meios impera a incapacidade e a ignorância, gerando crenças absurdas e erros injustificáveis”.

Daí esta outra lamentação de J. Herculano Pires na mesma série de reportagens:

“Não há mais, dada a aceitação dos fenômenos pelo público, o menor escrúpulo na prática dos truques, que são os mais grosseiros e rudimentares. Numa sessão de materialização, o médium cai em transe, algemado, arrodado por outros médiuns, todos ou quase todos espetacularmente

amarrados e, logo mais, aparece um fantasma na escuridão. Acende-se de leve uma pequena lâmpada vermelha, para que os contornos do fantasma se façam visíveis, pedem-se preces à assistência, estimula-se o fanatismo dos presentes, negando-se ao mesmo tempo toda e qualquer possibilidade de dúvida, e quando alguma objeção se faz sentir, os dirigentes do trabalho anunciam "que a sessão não é científica, mas religiosa" (9-4-1949).

O mesmo jornalista espírita explica tudo isso, dando-nos uma sincera descrição do ambiente da sessão espírita e que propicia e mesmo convida e impele à fraude:

"Reúnem-se num centro espírita ou numa casa de residência, numerosos "crentes" do Espiritismo. Na sua maioria, são pessoas de boa fé, inscientes do verdadeiro Espiritismo, cheias do ardente desejo de ver fenômenos e de se porem em comunicação direta com os espíritos. Feita a prece inicial e abertos os trabalhos, o médium cai em transe, produzindo fenômenos rudimentares, como pancadas nos móveis, nas paredes, ou até mesmo no corpo dos assistentes. A emotividade toma conta do ambiente. Há lágrimas, exclamações, soluços. Ao mesmo tempo intensifica-se o desejo geral de presenciar a fenômenos cada vez maiores. Tem início, então, uma verdadeira pressão mental e emocional sobre o organismo mediúico, solicitando, exigindo, implorando fenômenos. As vibrações mentais e emocionais desordenadas dos assistentes transformam o ambiente num verdadeiro caos, neutralizando o esforço dos espíritos para estabelecer harmonia e ordem nos trabalhos. O médium, premido pelo ambiente, já não é mais um elemento acessível aos espíritos. Pelo contrário, transformou-se num autômato movido pela vontade coletiva. Imeroso no seu transe, entrega-se então à produção de "fenômenos" que nada mais são do que autênticas palhaçadas subconscientes, movimentando objetos com as suas próprias mãos ou fantasiando-se assim mesmo de pretenso fantasma. A habilidade do médium alcança nessas ocasiões uma capacidade pouco aceitável para os observadores inexperientes" (7-5-1949).

Também o advogado L. Muniz Barreto, "espírita convicto", numa carta que escreveu ao mencionado grupo de jornalistas espíritas, confessa:

"Tudo quanto vi, aqui [em São Paulo], em Santos e Sorocaba, não passou de mistificação grosseira, vergonhosa!... Fenômeno algum jamais tive a ventura de presenciar, e, se não foram os estudos, que venho fazendo, através trinta anos consecutivos, estudos comparados, na lei-

tura, apenas, dos trabalhos científicos e filosóficos, sobre Espiritismo, certamente seria negativista intransigente (13-7-49).

Arquivemos também alguns exemplos concretos de fraude comprovada:

Oscar Barbosa: “Cuidadosamente o algemavam, porque Oscar Barbosa não desejava a mínima suspeita de fraude. Algemado o médium, apagadas as luzes, os espíritos se apresentavam materializados, cornetas levitavam, vozes diretas se dirigiam aos assistentes, mãos materializadas ofertavam discos sonoros aos presentes, acionavam vitrolas, tocavam pandeiros, esparziam perfumes, levitavam cruces fosforescentes, arrancavam exclamações de assombro de velhos profitentes e grito nervoso de iniciados. O vulto do “Padre Zabeu” surgia sob a luz vermelha ou emergia da sombra. A sessão atingia o clímax e os assistentes, tão crédulos quanto ignorantes acerca dos fenômenos, humildes e honrados, confiavam na honradez de médium que assim cumpria a sua missão de servidor de Jesus, o Cristo Redivivo, entrava em êxtase. Acesas as luzes, o médium aparecia na cabine, estirado na sua cadeira, com as algemas intactas, esgotado, muitas vezes ainda em transe. Era então que mãos generosas se estendiam para o passe e corações agradecidos irradiavam a música da prece. O trabalho era completo e perfeito. A verdade, porém, é que Oscar Barbosa, como um novo Houdine, libertava as mãos das folgadas algemas que usava nas sessões, retirava de uma gaveta falsa na caixa da vitrola sua fantasia de Padre Zabeu ou Vitor Branco, ou de dentro das próprias vestes os trajes de seda fina que podia ocultar com facilidade, vestia-se, cobria o rosto com um lenço, e protegido pelo respeito dos assistentes, que não se moviam de seus lugares, vinha para a sala e produzia, com as próprias mãos, os fenômenos que no escuro não se diferenciavam muito dos reais, falava através das cornetas com voz treinada e dava instruções aos promotores da sessão, recomendações capazes de pô-lo a salvo da investida inesperada dos São Tomés desejosos de agarrar os fantasmas”.

João Cosme. Percorreu vários Estados, produzindo os mais espantosos fenômenos. Numa sessão realizada em Sahara, perante centenas de pessoas, materializou os espíritos de Atanásio, de Frei Mário de Sá e fez ouvir a “voz direta” do Padre Zabeu. Após a sessão um dos assistentes deu uma busca na cabine em que ficara o médium e encontrou, dentro de uma pasta de couro, as vestes com que se haviam apresentado os espíritos, inclusive uma túnica fortemente perfumada, com o mesmo perfume que o espírito esparzira na

sala, dizendo tratar-se de um fenômeno de transporte... (1-7-1949).

Enfim, mais dois exemplos de *operações espíritas*, sempre narrados na mesma série de reportagens do Diário da Noite de São Paulo:

“Em certo centro, uma ocasião, anunciou-se uma operação de apêndice. Interessados e curiosos afluíram à sessão. Entre eles, um engenheiro espírita, admirado com a facilidade dos casos operatórios. Feita a intervenção, e aparecendo o apêndice num vidrinho com álcool, o engenheiro, que mais tarde contou o caso em palestra na Federação Espírita do Estado, pediu a peça operada, para guardá-la como lembrança do grande acontecimento. Levou-a consigo e mandou examiná-la para ver do que se tratava. Resultado: era um pedaço de tripa de galinha transformado em apêndice pela habilidade do médium improvisado” (10-5-1949).

Recordemos afinal ainda o caso, narrado no dia 16-5-49, do médium Oswaldo Pereira, mediante o qual o mesmo espírito do falecido médico Luís Gomes do Amaral, que fez a afamada operação em Pindamonhangaba, operou a jovem Elídia Pires de Carvalho, operação que foi desmascarada pelo médico Dr. Ary Lex, que verificou que a peça operada era um apêndice verdadeiro sim, mas extraído três dias antes...

Interessantíssimo e de muito valor é também o depoimento do Dr. Everardo Backheuser, então Professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. “Nada, absolutamente nada, observei”. Eis o resumo deste documento. E o eminente cientista continua: “A minha impressão é de que naquilo que me foi dado ver — e foi muito, cerca de 100 sessões — se tratava, apenas, de grosseiras ou ingênuas mistificações, isto é, de mistificações preconcebidamente arquitetadas ou do fruto da ignorância do médium e boa fé dos que o rodeavam”. Pela importância do depoimento e o valor das ponderações e experiências, reproduzimos a declaração do pranteado Professor da Escola Politécnica, assim como foi publicada no livro de Leonídio Ribeiro: *O Espiritismo no Brasil* (Rio 1931), pp. 174-178:

Sou do número daqueles que, seduzidos pela leitura, procuraram estudar os “chamados fenômenos espíritas”. Para isto frequentei “sessões” de múltiplos gêneros e tipos, em várias classes sociais, sozinho ou acompanhado por colegas e amigos. Sujeitei-me a passar por espírita, o que nunca fui. Nunca me seduziu a “religião” espírita, senão os

vários fenômenos metapsíquicos que aí poderia estudar e que uma vasta literatura me aguçava a vontade de conhecer de ciência própria. Desejei mesmo tentar qualquer coisa de novo nesse campo, encaminhando minhas pesquisas para o lado da espectroscopia, idéia que me veio lendo um interessante livro de Fritz Grunewald sobre "experiências físico-mediúnicas". Só pela frequência aos centros espíritas poderia travar relações com os almejados médiuns, e, familiarizando-me com eles, ganhar-lhes a confiança para que se sujeitassem afinal às minhas experimentações pois os médiuns são muito esquivos e temem a intromissão de estranhos nos recessos da sua "ciência religiosa".

Trouxe dessa minha peregrinação pelas "sessões espíritas", algumas bem sórdidas, quase macumbeiras, um largo arquivo de mistificações, oriundas, sem dúvida, em muitos casos, da enorme boa fé dos assistentes e quiçá da sincera convicção dos próprios médiuns ansiosos de possuir e manifestar aptidões psíquicas. Nenhuma me deu nada de aproveitável aos meus estudos e muito menos me conduziu à mais longínqua confirmação da possibilidade de que acolá se passassem fenômenos sobrenaturais ou extraterrenos.

Creio hoje em dia, com toda a firmeza e convicção, em um Poder Divino capaz de inverter quando lhe aprouver a ordem dos fenômenos naturais produzindo o "milagre". O milagre que é a destruição temporária da lei científica, ou seja, da ordem normal das coisas, serve para atestar a onipotência de Deus. Como é algo de excepcional na harmonia por Ele mesmo criada, não se está a dar a cada momento. O milagre aparece, portanto, quando menos o indiferente o poderia esperar, sendo em geral uma "graça" concedida para galardoar um grande ato de Fé. Felizes os que neste mundo vão agraciados com um milagre que lhes prova a Misericórdia e a Magnificência de Deus!

Não era aliás à cata de milagres que perambulava eu pelas sessões espíritas, mesmo porque de antemão bem sabia que lá os não encontraria. Considerando-os simplesmente como "fenômenos metapsíquicos" não os poderia conceber como "milagres", porque os admitia como podendo, hoje ou amanhã, entrar no quadro das ciências naturais. Considerando-os estritamente como "fenômenos espíritas" nada teriam, tão pouco de "milagrosos", pois nem os próprios espíritas assim os consideram; julgando-os tão somente o simples, corriqueiro e diário intercâmbio psíquico e até físico (materializações) entre o mundo de além e este mundo.

Pois bem. Levei para essas minhas visitas a maior dose de boa vontade e o profundo desejo de obter a confirmação de tudo quanto havia lido, mas devo confessar que *eu mesmo* nada vi que me levasse à mais tênue suposição de es-

tar em face desse intercâmbio entre os vivos e os mortos, nem, tão pouco, de ter assistido a qualquer prova de materialização ou de transmutação de ectoplasma. Nada, absolutamente nada, observei. Ao contrário. A minha impressão é de que naquilo que me foi dado ver — e foi muito, cerca de 100 sessões — se tratava, apenas, de grosseiras ou de ingênuas mistificações, isto é, de mistificações preconcebidamente arquitetadas ou do fruto da ignorância do médium e boa fé dos que o rodeavam.

O caso mais sério que encontrei no meu caminho foi o de um médium, de “efeitos físicos”, afamado por “trabalhar” perante um seletivo círculo de intelectuais. Também eu estive no seu “laboratório” da rua do Mercado, instalado na sala dos fundos do escritório de um conceituado engenheiro e beletista já falecido. A roda era, de fato, de homens ilustres nas letras e na pedagogia, embora eu não tivesse visto, propriamente, nenhum homem de ciência. Foi aliás com dificuldade que consegui lá penetrar, pois as portas não se me abriram com facilidade e rapidez. Só depois que “os espíritos” garantiram a minha “simpatia”, é que me concederam licença de assistir aos “trabalhos”.

Amarrado o médium em uma poltrona, o que foi feito com solenes meticulosidades, inclusive a da posição de um *seto* às cordas que o atavam, “realizaram-se” múltiplos “fenômenos”. Houve levitação e transporte de objetos, distribuição de flores à assistência, à qual, em um requinte de amabilidade, os “espíritos” serviram até copos d’água para mitigar a enorme sede que a todos abrasava após a longa permanência no gabinete fechado e sem arejamento. Os “espíritos” efetuaram também um penoso “trabalho” de “transporte” trazendo do salão próximo uma caixa que havia sido previamente rubricada por todos os assistentes, transporte que só se poderia ter dado (como garantiam) através das paredes porque o recinto estava herméticamente fechado e “selado”. Tudo se passou na mais absoluta escuridão, indispensável segundo o entender dos *experimentadores*, a uma melhor “manifestação” mediúnicamente. Luzes, “geladas como o luar” na frase de um poeta presente à sessão, fulguraram nessa escuridão, como que trazidas de além mundo. Sons de gaita, ruídos de copos e garrafas e toques de cornetinhas de criança se fizeram ouvir com deleite para os crenças que achavam tudo aquilo “música celestial”.

Fora, como se está a ver, uma “sessão” cheia, completa com toda sorte de “manifestações” físicas, capazes de convencer o mais incrédulo. Parece que muitos dos presentes, (éramos uns 12) pouco habituados às verdadeiras experimentações científicas, se impressionaram com a variada fenomenologia pelo afamado médium e hábil moto-

rista, cuja preciosa mediunidade é assaz proclamada nos círculos espíritas cariocas e fluminenses.

Entre os presentes estava porém felizmente, para me poder auxiliar, o meu querido, presado e saudoso colega Ferdinando Labouriau que, ao lhe chamar eu a atenção para os fatos, logo compreendeu os *trucs* do conhecido médium. O encadeiamento do médium à larga cadeira em que se deixara atar, era de fato uma mera ficção. Livre estava ele antes como depois de ser amarrado, pois vestindo nessas “manifestações” um paletó de brim suficientemente folgado, era capaz de despi-lo pela cabeça ainda quando todo abotoado. Para provar a possibilidade do *truc*, Labouriau se prestou a entrar e sair de dentro do tal paletó, tantas vezes quantas lhe foram pedidas.

Desvensilhando-se da cadeira onde houvera sido *amarrado* pela credulidade geral, readquiria o médium a possibilidade de se locomover em um local, que, embora às escuras, lhe era bem conhecido. Daí poder vir à prateleira dos moringues para nos trazer água; tirar rosas nas jarras para nos obsequiar; apanhar objetos (um relógio luminoso) de sobre a mesa fazendo-o “levitar” a 2 metros de altura, e finalmente, passar ao compartimento vizinho para apanhar a caixa por nós rubricada, porque, ao fazê-lo, quebrou o selo de uma das portas, como também constatamos na presença de todos. As luzes “geladas como o luar”, eram apenas de lanterna furta-fogo, dessas tão conhecidas no comércio das casas de eletricidade.

Eis aí a mais importante das “manifestações” que conseqüei presenciar, em toda a minha série de visitas a “sessões espíritas”, e praticadas por um dos mais conceituados médiuns do Rio de Janeiro. Pura e completa mistificação! Negamo-nos por isso, Labouriau e eu, a subscrever a ata já lavrada para garantir com as nossas assinaturas de catedráticos da Escola Politécnica a autenticidade dos fenômenos espíritas.

b) *Fraudes inconscientes.*

Mais perigosas, todavia, são as fraudes inconscientes, quando o médium, sem querer e de boa fé, dá as próprias idéias como mensagens recebidas dos espíritos. Porque, afinal, as fraudes conscientes podem ser desmascaradas com relativa facilidade. Dificilimo, porém, senão impossível, se torna o controle do inconsciente ou subconsciente do médium. Concedem os grandes mestres espíritas a possibilidade e mesmo a frequência da fraude inconsciente. AK admite que “as comunicações escritas ou verbais também podem

emanar do próprio Espírito encarnado no médium" (III, 222). A expressão "espírito encarnado no médium" é um modo espírita de falar e quer dizer "alma do médium". Diz ainda AK que isso se dá quase sempre quando o médium está no "estado de sonambulismo ou de êxtase" (III, 223) e tais mensagens, acrescenta ele, podem ser até superiores às dos próprios espíritos. Outras vezes — é sempre AK quem nos dá esses esclarecimentos — o "Espírito encarnado no médium" exerce influência sobre as comunicações que deve transmitir, providas dos espíritos: "Se estes não lhe são simpáticos, pode alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias idéias e a seus pendores" (III, 224). Em outro lugar, falando desta influência que os médiuns podem ter sobre as mensagens, escreve AK esta passagem um tanto longa, mas que merece ser meditada: "Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as idéias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. E' de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecânicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. E' essa a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelas lentejoulas de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra esse escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos" (III,242).

Não há dúvida que aqui estamos diante dum ponto de capital importância. Pois é interessante observar que as mensagens espíritas sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade dos espíritas. Para ilustrar este ponto, poderíamos tomar como exemplo o próprio AK. Assim p.

ex., revelaram os espíritos (e foi o “espírito de Galileu”!) que o planeta Marte não tem satélite nenhum e que Júpiter tem apenas quatro. Encontramos estas mensagens na obra *A Gênese*, publicada em 1868. Ora, naquele tempo os astrônomos estavam de fato convencidos de que Júpiter tinha apenas quatro luas (descobertas por Galileu!) e Marte nenhuma: foi só em 1877 que Asaph Hall descobriu os dois satélites do Marte e só em 1892, 1904, 1914, 1938 e 1951 os astrônomos foram verificando que Júpiter tinha não só quatro, mas até doze luas. O espírito de Galileu, portanto, embora pudesse, segundo AK, falando dos espíritos em geral, “percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento” (II, 108), ficou no mesmo estado de ignorância como quando era astrônomo cá na terra. Outra vez revela um espírito a AK que o Sírio é “milhares de milhões de vezes mais grandioso e magnificante em dimensões e em riquezas do que o nosso sol” (VI, 119) — mas os astrônomos de hoje, que fiam mais nos telescópios do que nos espíritos, calculam que é apenas 13 a 16 vezes maior. Da mesma forma lemos em Leão Denis que Úrano é 74 vezes maior do que a Terra — e os cientistas de hoje dizem que é 101,9 vezes; que Neptuno é mais de cem vezes maior — e os astrônomos modernos dizem que 89,9 vezes; que Saturno é 864 vezes o tamanho da Terra — e a ciência afiança que é 738 vezes...

Trata-se aqui de casos de comunicações de espíritos, que podem ser controladas pela técnica da ciência moderna. Mas com isso mesmo caem fortes suspeitas também sobre os outros resultados não controláveis. Pode muito bem ser que AK fosse sincero em suas afirmações; isso, todavia, não exclui que ele tenha sido vítima do seu próprio inconsciente ou subconsciente. De fato, diz Douglas Home, “as revelações de Kardec não passam das suas próprias idéias, impostas aos médiuns (pois ele era magnetizador) e por ele depois corrigidas”. Veremos mais adiante o que realmente fez AK com as mensagens recebidas. Um seu colaborador, Victorien Sardou, gloriava-se de haver colaborado com Kardec na organização da Doutrina Espirita: “Nessa ocasião eu lia muitos livros ocultistas. E quando ha-

via uma lacuna, era eu que redigia as mensagens". E o conhecido astrônomo Flammarion, outro colaborador de AK, referindo-se vinte anos depois às mensagens astronômicas do livro *A Gênese*, declarou: "São evidentemente o reflexo do que eu sabia, do que pensávamos naquela época sobre os planetas, as estrelas, a cosmogonia".

Outro exemplo: Mal acabara de divulgar-se a Uranografia de Laplace (teoria segundo a qual o nosso sistema planetário se originou de uma nebulosa em rotação), que então se impunha como a última palavra no assunto, e já a Sociedade Espírita de Paris, presidida por AK, em 1862 e 1863, por meio do médium C. F. (que era o próprio Camilo Flammarion!), recebia uma série de comunicações, assinadas pelo espírito de "Galileu" em pessoa e em que se repetia — e portanto "revelava" — servilmente toda a teoria laplaciana. Ora, a Cosmografia moderna, baseada nos dados mais recentes da Astronomia, já demonstrou a absoluta impossibilidade do sistema uranográfico... Flammarion poderia, mais uma vez, confessar: "São evidentemente o reflexo do que eu sabia, do que pensávamos naquela época sobre a cosmogonia". Muito mais tarde, em entrevista com Paulo Heuzé (*Les morts vivent-ils*, p. 6), Flammarion dirá: "Se o caro colega espera que diga alguma coisa de preciso, eu não o poderia. Comecei meus trabalhos com referência a essa questão em 1862; eis, pois, sessenta anos que os pesquisei. Hoje não posso afirmar senão uma coisa, é que eu nada sei, é que não compreendo nada absolutamente. Um só ponto me parece esclarecido: é que, na grande maioria dos casos, há sugestão consciente ou não de espírito a espírito. Em certos casos, muito raros, parece que esta explicação possa parecer insuficiente; e então qual outra para a substituir? Eu o ignoro cada vez mais. E' o médium que age por si mesmo? E' uma causa diferente dele? Depois de sessenta anos de estudos, eu nada sei, nada, nada".

Assim também outras milhares de "revelações espíritas" sobre o milagre, o mistério, a pessoa de Cristo, a origem das religiões, da doutrina da Santíssima Trindade e do pecado original, as "contradições" da Bíblia, a impossi-

bilidade da ressurreição ou do juízo final, etc. etc., de que estão repletas as obras de AK e Leão Denis, correspondem precisamente à mentalidade racionalista e liberal da França do século passado e deles AK, se fosse sincero, poderia repetir hoje: "São evidentemente o reflexo de que eu sabia, do que pensávamos naquela época".

Permitam-nos os leitores que neste contexto lembremos mais alguns exemplos que hão de ilustrar o assunto e que já publicamos nas pp. 50-53 da segunda brochura desta mesma coleção:

Um livro espírita intitulado *Revelação dos Papas* e que teria sido ditado pelos espíritos dos Papas, contém os maiores dislates históricos, reflexo evidente da ignorância e da mentalidade anticatólica do médium. Eis algumas amostras: Alexandre I fala nas invasões dos bárbaros e do feudalismo, que só vieram séculos depois; Urbano I aparece de tiara — ornamento que só muito depois o Papa usou — e mora no Vaticano — que não existia no seu tempo; Alexandre V conta as proezas de seu pontificado e se acusa das crueldades que cometeu, mas a História diz que ele nem chegou a tomar posse; Benedito V, que também nunca chegou a governar, por ter morrido antes da posse, faz longa descrição de seu governo e de seus crimes; Júlio I governou mais de mil anos depois de ter morrido, em compensação Clemente V governa oito séculos antes de ter nascido...

O famoso espírito *Emmanuel* revelou ao nosso Chico Xavier todas as calúnias e invenções que se encontram em Leão Denis e que este por sua vez colecionou nas obras dos anticlericais franceses. Eis aí algumas "revelações" recebidas por Chico Xavier e que refletem com exatidão primorosa a mentalidade geral dos espíritas do Brasil: "A história do Papado é a do desvirtuamento dos princípios do Cristianismo, porque, pouco a pouco, o Evangelho quase desapareceu sob as suas despóticas inovações. Criaram os pontífices o latim nos rituais, o culto das imagens, a canonização, a confissão auricular, a adoração da hóstia, o celibato sacerdotal e, atualmente noventa por cento das instituições são de origem humaníssima, fora de quaisquer características divinas" (*Emmanuel*, 4ª ed. p. 30); "o Vaticano não soube, porém, senão produzir obras de caráter exclusivamente (sic!) material" (p. 31); "ninguém ignora a fortuna gigantesca que se encerra, sem benefício para ninguém, nos pesados cofres do Vaticano" (p. 57); ele sabe que a Igreja "fez mais vítimas que as dez perseguições mais notáveis" (p. 56); conhece a "imensidade de crimes, perpetrados à sombra dos confessioná-

rios penumbrosos" (p. 52); tem notícias do "célebre Livro das Taxas, do tempo de Leão X, em que todos os preços de perdão para os crimes humanos estão estipulados" (p. 61); sabe que "o dogma da trindade é uma adaptação da trimurti da antiguidade oriental" (p. 30) — tudo isso puríssima revelação trazida pelo "espírito de Emmanuel" ao nosso Francisco Cândido Xavier...

Em outro livro espírita, muito espalhado pela Federação, *Roma e o Evangelho* (5ª ed.) aparecem inúmeras mensagens de nossos Santos que todos viraram espíritas: São Paulo nega a necessidade do culto externo (p. 96); S. Agostinho manda prosseguir na obra de romper com a Igreja e renegar a fé católica (p. 104 s); Fénelon ataca Roma e a infalibilidade do Papa (p. 106); Tomás de Aquino exalta a doutrina espírita (p. 111); Maria, "a mãe de Jesus", aparece em longas páginas (117-135) para exaltar o Espiritismo; atacar em termos violentíssimos a Igreja, os padres e os Papas; negar a divindade de Jesus e nossa redenção por Cristo; contestar a existência do demônio, do inferno, do pecado original, de Adão, etc.; zombar do sacramento da Penitência e da Ordem e acaba com severa ameaça contra os adversários do Espiritismo; São João Evangelista aparece nas páginas 141-177 para descrever a origem do mundo e dos seres vivos segundo o mais crasso evolucionismo. Etc.

Ora, tudo isso, digamo-lo francamente, não é muito apto a nos convencer da presença real de espíritos desencarnados. É antes a traição do subconsciente do próprio médium, que repete fielmente os mesmos erros e as mesmas mentiras históricas que ele, em estado consciente, ouviu de algum fanatizado doutrinador espírita ou leu em algum dos livros anticlericais publicados pela Federação Espírita Brasileira ou por outra Editora Espírita que, todas elas, se comprazem nesta espécie de literatura. Quando, em uma sessão espírita, comparece um Santo Agostinho ou Santo Tomás de Aquino e diz meia dúzia de banalidades de aprovação e propaganda do Espiritismo; quando se apresenta até Nossa Senhora para exaltar o Espiritismo, atacar violentamente a Igreja e negar a Divindade de seu Filho, Nosso Senhor e Deus Jesus Cristo; quando um São João Evangelista nos vem descrever minuciosamente o mais extremo e crasso evolucionismo monofilético já hoje felizmente superado pela Ciência; quando aparecem Papas que nem mesmo aproximadamente se recordam do tempo em que viveram ou que

narram fantásticos crimes que eles teriam cometido e a história nos diz que estes mesmos papas nem sequer chegaram a governar; quando se apresenta Galileu Galilei para nos revelar novidades astronômicas que logo depois são desmentidas pela verificação experimental; quando vem aí um Santo Antônio ou São Francisco, que se santificaram em grau heróico na Igreja Católica, à qual serviram até o derradeiro momento de sua vida, para agora investir contra esta mesma Igreja; — convenhamos, então é claro, é evidente, é manifesto que estas mensagens não provêm dos tais Santos, mas dos sonhos subconscientes (ou, por vezes, conscientes!) do próprio médium ou de algum dos assistentes. Um notável cientista francês, Richet, depois de mais de vinte anos de experiências espíritas, acabou pondo em dúvida a presença de qualquer espírito desencarnado nas sessões a que assistira, especialmente porque “jamais os espíritos puderam provar que sabem qualquer coisa. Nenhuma descoberta inesperada tem sido indicada, nenhuma revelação tem sido feita... nenhuma parcela da ciência futura tem sido suspeitada”. Com efeito, cem anos de intensa revelação espírita, não contribuiu em nada no progresso das ciências, nem mesmo da medicina: quando receitam, os médicos do espaço só conhecem remédios caseiros ou homeopáticos...

Foi publicado estes dias (Outubro de 1954) um panfleto do Sr. Coronel Ildefonso Escobar (“Catedrático Jubilado do Magistério Militar”), sob o título “Os Católicos são Hereges” e remetido gratuitamente para todos os endereços possíveis do Rio de Janeiro. Aí os nossos Exmos. Srs. Bispos são “os representantes do anticristo”; Frei Boaventura é o “representante da Ação Católica” (p. 5, coisa que nunca fomos!), o “delegado intelectual dos Bispos do Brasil” (p. 5), o “leader da Igreja do anticristo” (p. 8), etc.; a Igreja Católica, “a religião do diabo, religião do anticristo” (p. 7), “obra do anticristo” (p. 10), etc., e, afinal, é reestampada (pela milésima vez, quem sabe!) a “Carta Pastoral” do Bispo Católico de Juiz de Fora, Dom Francisco Fedério (pp. 12-14), carta que nunca foi escrita por um Bispo Católico do Brasil, muito menos de Juiz de Fora,

pelo simples fato de que jamais houve Bispo com esse nome, nem em Juiz de Fora nem em outra parte do Brasil. Mas no final do panfleto vem a "aprovação do céu", duas mensagens do Alto, uma de 9 de Maio de 1954, outra de 12 de Junho deste mesmo ano. Na primeira se lê: "Nunca ouvi palavras tão verdadeiras, conscienciosas, puras e verídicas, ditas com o coração e o archote da verdade... Não resta dúvida que fostes inspirado por um Espírito que já conheceis (Ismael). Fostes merecedor para transmitir a Verdade a nossos irmãos católicos... Quanto mais cedo possível deve ser dada a resposta ao nosso irmão Boaventura, para que ele conheça a Verdade". Na segunda é posta em relevo especial a tal Carta Pastoral de um Bispo Fora de Juízo...

Tudo isso é mensagem do Alto...

Gente feliz!

O Prof. Flournoy observa que "para os especialistas da Sociedade de pesquisas psíquicas — ainda quando são espíritas de convicção, como Hodgson, Hyslop — não há nada mais raro do que encontrar um verdadeiro médium, nem mais difícil do que distinguir o autêntico do que não é autêntico nas suas comunicações. Porque (observem bem os leitores!) os melhores médiuns constantemente misturam os seus sonhos e as suas idéias subconscientes com o que lhes vem do além — sem falarmos nas perturbações devidas à influência dos vivos; e, nos mesmos desencarnados, parece que há tais dificuldades para conseguirem comunicar conosco, que nunca podemos estar certos da exatidão verbal de qualquer das comunicações recebidas" (*Spirit. and Psychology*, p. 184). E aqui no Brasil a gente tem a impressão de que nada há mais fácil ou mais comum do que conversar com os falecidos e ter notícias "do alto"...

c) *Outras considerações sobre o médium.*

Convém insistir ainda sobre a natureza do médium, assim como AK a concebe. O elemento essencial que age no médium é o que os espíritas denominam de *perispírito*, ou corpo astral, corpo fluidico da alma, corpo psíquico, corpo ódico, od, ectoplasma, mediador plástico, força ectêni-

ca, fluido vital, fluido espiritual, corpo espiritual, fluido magnético, fluido elétrico animalizado, etc. O perispírito seria “um dos elementos constitutivos do homem” (VII, 40). Não é fácil determinar-lhe a essência. Por vezes AK declara que o perispírito “é matéria” (III, 64; VI, 262), “verdadeira matéria” (VI, 63); outras vezes diz que é “semi-material” (I, 22, 110; III, 112), “matéria etérea” (II, 113); ainda outras vezes é “uma espécie de matéria” (III, 64) e diz também que “é a quintessência da matéria” (I, 160). O perispírito “goza das mesmas propriedades que os Espíritos” (VII, 45). E por isso “matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes” (III, 119). E’ “invisível e impalpável” (VI, 63) e “imponderável” (II, 108). Mas “pode adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível” (VII, 42). Todavia, quem manda sobre o perispírito e lhe muda as qualidades, é a “vontade do Espírito e não uma causa física exterior, como se dá com os gases” (VII, 42). Quando o espírito quer, “pode dar ao seu perispírito todas as aparências... pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseguintemente, a opacidade” (III, 133): nestes casos o perispírito pode denotar calor, pode ser palpado, oferece resistência a um corpo sólido, agarra os circunstantes, deixa marca na pele, dá pancadas e, de súbito, se dissipa qual sombra (cf. III, 64). AK ainda particulariza o modo como os espíritos transformam os elementos fluidicos: “Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem... Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza” (VI, 266).

E’ importante saber que, segundo AK, todos os espíritos, encarnados e desencarnados e mesmo os perfeitos, têm perispírito.

Pois bem, este maravilhoso perispírito é o “intermediário entre o espírito e o corpo” (II, 108) e o instrumento único pelo qual os médiuns se podem comunicar com os espíritos. Já vimos que, segundo AK, “a faculdade mediúni-

ca é uma propriedade do organismo" (II, 131) e já que o perispírito é "um dos elementos constitutivos do homem" (III, 40), como vimos, pode-se dizer que, radicalmente, todos os homens possuem a faculdade mediúnica (III, 166; VII, 52). Mas não se manifesta em todos, dependendo isto do perispírito. "A facilidade das comunicações depende do grau de afinidade existente entre os dois fluidos" (II, 126), isto é: entre o perispírito do médium e o do espírito que se comunica. "Todos os fenômenos espíritas são resultantes de uma combinação dos fluidos próprios do Espírito com os do médium" (II, 125). Os fenômenos espíritas "só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito" (VII, 52). Por isso "o desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansiva do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade dessas relações entre os Espíritos e os médiuns e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos... As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos" (VII, 52). E se um espírito muito superior quiser comunicar-se com este mundo relativamente inferior, deve antes revestir-se de um perispírito também inferior (I, 82).

A esta altura não podemos vencer a tentação de dizer algumas palavras sobre os chamados fenômenos espíritas. Insistem os espíritas na absoluta necessidade do perispírito e do médium para se conseguir um fenômeno espírita. Sem perispírito não haveria possibilidade de comunicação. Mas o perispírito do médium e do espírito comunicante devem estar num mesmo grau de afinidade. Temos portanto duas causas iguais em natureza e propriedade a produzirem o mesmo efeito. O efeito, pois, tanto pode seguir da atuação do perispírito do médium como do espírito que se comunica. Suponhamos um determinado fenômeno: movimento duma mesa, raps, materialização, etc. — em si este fenômeno pode

ser causado pelo perispírito de um espírito, mas também pelo perispírito do médium. Como podemos saber com certeza qual o perispírito que entrou em ação?... Poder-se-ia dizer que o perispírito do espírito tem vantagem sobre o do médium, por estar desencarnado e completamente livre da matéria. Mas sabemos que o perispírito do médium só atua em estado de transe e neste estado a alma do médium, que nunca se separa do perispírito, pode fazer passeios à vontade, como ensina o próprio AK, dizendo que “durante o sono afrouxem-se os laços que o prendem ao corpo e... a alma se lança pelo espaço” (I, 213), “percorre o espaço, confabula com os amigos e outros Espíritos, livres ou encarnados” (VI, 274) e nesse mesmo estado a alma “lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro” (I, 213), vê o que “no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta” (I, 217), pois pode ir “aonde quer... qualquer que seja a distância” (II, 155). E note-se ainda que AK ensina expressamente que não é preciso que o sono seja completo: “Basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre sua liberdade” (I, 218); “este afastamento ou desprendimento pode também operar-se, em graus diversos, no estado de vigília. Mas, então, jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver, dando a entender que a alma está algures... À sua volta ao estado normal, de ordinário sobrevém o esquecimento do que se passou” (VII, 48 s.). Ora, não é este exatamente o estado em que costumam pôr-se os médiuns quando produzem os tais fenômenos? Se, portanto, quisermos aceitar a mirífica doutrina espírita sobre o perispírito, temos aí a perfeita explicação de todos os fenômenos, sem precisarmos recorrer a outro espírito... Objetar-se-nos-á, todavia, que, às vezes, as mensagens transcendem o nível intelectual do médium ou vêm redigidas em língua inteiramente desconhecida ao médium e que, portanto, ao menos nestes casos, devemos admitir a influência de outro espírito. Respondemos que, ficando sempre rigorosamente na suposição da doutrina es-

pírita, nem mesmo nestes casos é mister recorrer a espíritos estranhos, visto que, segundo a doutrina espírita, a alma do médium, atualmente encarnada, já viveu quem sabe quantas existências anteriores e pode ter sido um mago do Oriente, um filósofo de alta linhagem, um rei, imperador... Portanto, se admitimos a hipótese espírita do perispírito, temos uma explicação perfeita e cabal para toda a classe de fenômenos, sem precisarmos recorrer a outros espíritos; e se não queremos admitir o perispírito — neste caso serão os próprios espíritas os primeiros a proclamar ser inteiramente impossível a comunicação com os espíritos desencarnados... De forma que a afirmação do perispírito vem a ser fatal para toda a doutrina espírita.

Mas deixemos o estudo dos fenômenos para outra ocasião. Retomemos a suposição, feita no início, de que os espíritas conseguem evocar realmente espíritos do além. E voltemos mais uma vez aos médiuns.

Nova dificuldade na escolha dum bom médium está no seguinte: Adverte AK que existem os médiuns *fascinados*, “que são iludidos por Espíritos enganadores e se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem” (III, 198). Estas mistificações, diz ele, “constituem os escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático” (III, 341); “há pessoas — acrescenta o mestre espírita — que nada perguntam e que são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados” e em seguida pergunta, alarmado: “Por que permite Deus que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa fé sejam mistificadas?” E: “Segue-se que, quando não se seja mistificado por um falso médium, têm-se toda a probabilidade de o ser por algum de tais Espíritos” (III, 344).

Além desses médiuns fascinados, recorda AK, temos os médiuns *subjugados*, “que sofrem uma dominação moral e, muitas vezes, material da parte de maus Espíritos”; os médiuns *presunçosos*, “que têm a pretensão de se acharem em relação somente com Espíritos superiores; crêem-se infalíveis e consideram inferior e errôneo tudo o que deles não provenha”; os médiuns *de má fé*, “que, possuindo faculdades reais, simulam as de que carecem, para se da-

rem importância”; os médiuns *egoístas*, “que somente no seu interesse pessoal se servem de suas faculdades e guardam para si as comunicações que recebem”, etc. (III, 198 s).

A *conclusão* que disto tudo podemos coligir (e observe-se que nos baseamos unicamente em fatos concedidos expressamente pelos maiores mestres espíritas!) é que, mesmo pondo-nos sobre a base espírita, supondo a realidade da comunicação com os espíritos, encontramos a primeira enorme dificuldade na escolha dum médium que mereça a nossa inteira confiança por sua integridade moral, que não seja vítima das mistificações dos espíritos maus, nem nos dê a probabilidade de nos enganar de má ou boa fé, recorrendo aos próprios conhecimentos inconscientes ou subconscientes.

Mas — para podermos continuar na argumentação — admitamos e suponhamos que se encontre um tal médium, do qual estamos inteiramente *certos* de que é honesto e digno de toda a nossa confiança e que supere também, não apenas com probabilidade, mas com absoluta certeza, todos os escolhos acima indicados. Segue então o problema dos espíritos que se comunicam.

3) A Credibilidade dos Espíritos que se comunicam.

Observamos desde logo que neste parágrafo não nos interessa a Doutrina Espírita propriamente dita acerca da origem, natureza, qualidade, vida e finalidade dos espíritos; será, talvez, matéria para outro estudo. Aqui queremos verificar apenas o que nos ensina AK sobre os espíritos *enquanto se comunicam conosco* por meio dos médiuns. Da doutrina geral sobre o mundo dos espíritos basta-nos por ora este resumo feito pelo próprio AK (III, 55):

“1) Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, às quais também se dá o nome de Espírito. 2) Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contacto. 3) Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza. 4) Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que hão vivido na Terra, ou em outros mundos, e

que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos. 5) Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância. 6) Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade. 7) São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida, e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem medida é partilhada unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição. 8) Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se. 9) Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes”.

Acentuemos alguns pontos:

1) Os espíritos “povoam infinitamente os espaços”. E’ um princípio assente entre os espíritas que há “centenas de milhões de mundos habitados” (VI, 125): “Os Espíritos estão em toda a parte, ao nosso lado, acotovelando-nos (!) e observando-nos sem cessar” (II, 110); “o mundo espiritual ostenta-se por toda a parte em redor de nós como no espaço, sem limite algum designado. Em razão mesmo da natureza fluidica do seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se locomover penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento” (V, 27); “os Espíritos são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso derredor, toda uma população, invisível no estado normal” (III, 63); “se, em dado momento, pudesse ser levantado o véu que no-los esconde, eles formariam uma população, cercando-nos por toda a parte” (II, 109); “cada um (espírito) é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o sol? E’ um sómente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios” (I, 81).

2) “O Espírito tem uma perspicácia divina, que abrange tudo, podendo adivinhar até o pensamento alheio” (V, 178).

3) Mas nem todos os espíritos são igualmente bons e sábios: “Como há homens de todos os graus de saber e

ignorância, de bondade e maldade, dá-se o mesmo com os Espíritos. Alguns destes são apenas frívolos e travessos; outros são mentirosos, fraudulentos, hipócritas, maus e vingativos; outros, pelo contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber em grau desconhecido na terra” (II, 111). AK insiste frequentemente nesta grande diversidade entre os espíritos: “Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações, foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal” (VII, 241). “Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofômanos, que julgam saber o que ignoram; que tomam por verdades sistemáticas as suas idéias; enfim que só os Espíritos de categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das idéias e preconceitos terrenos” (IV, 19). E mais uma vez: “Cumpra que não esqueçamos que, entre os Espíritos, há, como entre os homens, falsos sábios e semi-sábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos” (III, 334).

4) Existem mesmo espíritos muito *maus*, que “se comprazem no mal e ficam satisfeitos, quando se lhes depara ocasião de praticá-lo” (I, 83). Eles “são inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar” (I, 87). Temos ainda os espíritos *estouvados*, “que se comprazem antes na malícia do que na malvadez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades” (I, 83); os espíritos *levianos*, que “são ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem

com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir em erro, por meio de mistificações e de espertezas" (I, 88). Deles diferem os espíritos *pseudo-sábios*, que "dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém crêem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes" (I, 88).

5) E' de suma importância observar que não só os espíritos superiores, sábios, benévolos, bons e puros se comunicam com os homens e trouxeram as mensagens que serviriam de base para a formulação da Doutrina Espírita: Também os maus, os estouvados, os levianos, os pseudo-sábios, os ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros, etc. — todos eles contribuíram com as suas mensagens: "Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se" (III, 55).

6) Existem até mesmo espíritos sérios e bons e que falam com toda a seriedade e boa fé — e não obstante nos enganam: "Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa fé" (III, 149 e 284); "pode um Espírito ser bom, afável, e ter conhecimentos limitados, ao passo que outro, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade" (III, 275).

7) "Há falsários no mundo dos Espíritos, como os há neste" (III, 273): "Os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis" (III, 274); "reúnem à inteligência a astúcia e o orgulho" (III, 281); "identificam-se com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão nos homens por efeito de suas crenças" (III, 285); "há falsários que imitam todas as caligrafias" (III, 285); imitam também a linguagem dos outros (III, 284); e há espíritos tão hábeis que nem mesmo se traem "por sinais materiais involuntários" (III, 287). Em suma, observa AK, resumindo as suas experiências, "a astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo

o que se possa imaginar. A arte, com que dispõem as suas baterias e combinam os meios de persuadir, seria uma coisa curiosa, se eles nunca passassem dos simples gracejos..." (III, 342).

8) Importante é ainda a seguinte observação: "Entre os Espíritos, poucos há que tenham nome conhecido na terra. Por isso é que, as mais das vezes, eles nenhum nome declinam. Vós, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o Espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais" (III, 281); ou então "adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão" (III, 282). "Certos Espíritos, presunçosos ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas idéias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerandos" (III, 150); e outra vez: "E' sabido que os Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias" (IV, 19). E não se pense que o caso é raro: "Este caso é tão frequente, que devemos estar sempre prevenidos contra essas espécies de substituições". Por isso AK dá o princípio de que "quanto mais venerável for o nome com que um Espírito se apresente, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria, ou um Santo venerado" (III, 274).

9) Há até mesmo espíritos "que juram tudo o que se lhes exigir" (III, 272).

10) Os espíritos não se apresentam com carteira de identidade, e mesmo quando indicam algum nome, como vimos, não se lhes pode acreditar, ainda que jurem em nome de Deus. E' inútil também exigir identificação, pois "semelhante pedido o magoa, pelo que deve ser evitado", aconselha AK e explica: "Com o deixar o seu corpo, o Espírito não se despojou da sua suscetibilidade; agasta-o toda questão que tenha por fim pô-lo à prova" (III, 271). Não é, pois, permitido, pedir ao espírito prova de identidade! E se pedirmos o seu nome, ele indicará um nome

qualquer que nos for mais conhecido ou querido, até o de um grande Santo, se assim nos agradar... E se continuarmos a insistir, pedindo identificação, o espírito, se não for dos que brincam e zombam, lança o seu protesto, "não respondendo ou retirando-se" (III, 272). Diz ainda AK: "Pode, sem dúvida, o Espírito dar provas desta (identidade), atendendo ao pedido que se lhe faça; mas, assim só procede quando lhe convenha" (III, 271). E ainda então: que garantias apresenta?

11) E não só os espíritos inferiores costumam dar nomes e identidade falsa: "O mesmo ocorre todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter dessa última, há *presunção* de ser o próprio e, em todos os casos, se pode dizer que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou, talvez, até um enviado seu" (III, 270). E assim pergunta o próprio AK: "Quem pode, pois, afirmar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington, etc., tenham realmente animado essas personagens?" E continua: "Esta dúvida existe mesmo entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita, os quais admitem a intervenção e manifestação dos Espíritos, mas inquirem como se lhes pode comprovar a identidade. Semelhante prova é, de fato, bem difícil de produzir-se. Conquanto, porém, não o possa ser de modo autêntico como por uma certidão de registro civil, pode-o ao menos por *presunção*, segundo certos indícios" (I, 34). Temos, portanto, que o máximo concedido no supremo arraial espírita é: "por *presunção* e segundo certos indícios"... Mas consola-se o mestre espírita: "a questão de nome é secundária" (III, 270), "a questão da identidade é quase indiferente, quando se trata de instruções gerais... Não é a pessoa deles o que nos interessa, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, desde que o ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro, ou Paulo" (III, 272)...

12) Observemos ainda que os espíritos maus e levianos se comunicam também com as pessoas sérias. Pois, diz AK, “também os homens sérios, que não mesclam de vã curiosidade seus estudos”, podem ser enganados e mistificados pelos espíritos inferiores e zombeteiros (III, 284). Até mesmo “há pessoas que nada perguntam e que são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados” (III, 341).

13) “Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluidicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresente. Pode dar-se, pois, que aquele, com quem o médium deseje comunicar-se, não esteja em condições propícias a fazê-lo, embora se ache presente, como também pode acontecer que não tenha possibilidade, nem permissão para acudir ao chamado que lhe é dirigido” (III, 204). Por isso AK recomenda que “ninguém se obstine em chamar determinado Espírito” e que, antes de fazer a evocação, se reze pedindo o espírito. E, “formulada a súplica, é esperar que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer venha aquele que o impetrante deseja, como pode ocorrer também venha um Espírito desconhecido ...qualquer que ele seja, em todo o caso, dar-se-á a conhecer, escrevendo o seu nome” (III, 205). Mas que nome? e como podemos confiar naquele nome? Já o sabemos... Assim, suponhamos que a minha tataravó morreu e que me deu vontade de obter dela uma comunicação por meio do médium; demos como admitido que o médium tenha as qualidades acima postuladas; façamos de conta que o médium conseguiu ligação com um espírito que afirma ser a minha tataravó — será de fato o espírito dela? Nem mesmo se o modo de falar, a assinatura, o estilo, o jeito, etc., eram direitinho os dela, nem mesmo se jura em nome de Deus... Pois se, como vimos, “os Espíritos são capazes de todos os ardis”, “imitam todas as caligrafias” e “identificam-se com os há-

bitos daqueles a que falam e adotam os nomes mais apropriados” e “juram tudo o que se lhes exigir”!..

Com tal base, é inteiramente inútil evocar qualquer falecido em sessão espírita...

Sem entrarmos ainda na questão dos critérios de seleção, adotados por AK, apenas para evidenciar melhor o modo como, segundo o próprio AK, os espíritos podem enganar, vejamos um exemplo de verificação de identidade feita pelo nosso mestre espírita. Em III, 408-409 ele transcreve uma mensagem assinada por “Bossuet. Alfredo de Marignac”. Em seguida AK faz a seguinte observação: “Esta comunicação, certo, nada contém de mau. Encerra mesmo profundas idéias filosóficas e conselhos muito avisados, que poderiam levar os pouco versados em literatura a equivoçar-se relativamente à identidade do autor. Tendo-a o médium, que a obtivera, submetido ao exame da Sociedade Espírita de Paris, foram unânimes os votos declarando que ela não podia ser de Bossuet. São Luís, consultado respondeu (aliás, quem garante que foi São Luís quem respondeu?..): “Esta comunicação, em si mesma, é boa; mas não acrediteis tenha sido Bossuet quem a ditou. Escreveu-a um Espírito, talvez um pouco sob a inspiração daquele outro, e lhe pôs por baixo o nome do grande bispo, para torná-la mais facilmente aceitável. Praticou-a o Espírito que colocou o seu nome em seguida ao de Bossuet”. Interrogado sobre o motivo que o levava a proceder assim, disse esse Espírito: “Eu desejava escrever alguma coisa, a fim de me fazer lembrado dos homens. Vendo que sou fraco, entendi apadrinhar o meu escrito com o prestígio de um grande nome. — Mas não imaginaste que se reconheceria não ser de Bossuet a comunicação? — Quem sabe lá, ao certo? Poderíeis enganar-vos. Outros menos perspicazes a teriam aceitado”.

Para ilustrar o que acabamos de expor, tomemos um exemplo pessoal e recente. Sem indicação de data e lugar, foi publicado neste ano de 1954 um folheto com este título: “Resposta ao folheto *Por que não admito a Reencarnação* de Frei Boaventura O.F.M., por Dominicus, E.C. (Espírita Cristão)”. Não queremos agora entrar no assunto do folheto (também a questão da Reencarnação será tratada amplamente em brochura especial). No final do folheto lemos o seguinte: “Matteo Santuzzi. Morto em 1917. Convento della Certosa — Firenze”. Isso provavelmente quer dizer que este folheto foi ditado pelo espírito desencarnado de um monge de nome Matteo Santuzzi e que faleceu em

1917 no indicado mosteiro da Itália. Estamos, pois, diante duma mensagem do além. Este mesmo espírito desencarnado se dignou de nos escrever a seguinte carta, que nos foi remetida por um certo D.R.A., Rua Conselheiro Brotero, n. 704, de São Paulo. Recebemos a carta no dia 7 de Setembro de 1954. Vamos transcrever na íntegra a macabra epístola, corrigindo apenas erros evidentes de ortografia:

Setembro, de 1954.

Caro irmão Frei Boaventura,

A Paz do Senhor contigo!

Não se turbe o teu coração ao saber que um "morto" se ergue da tumba para endereçar-te estas palavras. O pretendo "morto", porém, está mais vivo que nunca, no pleno uso e gozo de todas as faculdades sentimentais, intelectuais e espirituais. E se, por um momento, deixa suas atividades que, por mercê do Mestre, desenvolve na qualidade do mais humilde dos Seus servos, no setor que lhe foi confiado, para dirigir-se ao amado irmão, certamente o faz, não para atirar-lhe pedras porque, aí de nós! e quem poderia atirar a primeira pedra? o faz, dizia, exclusivamente para endereçar-te um convite.

Tenho estado junto de ti; perscruto os teus pensamentos; vejo os teus sentimentos; sinto as tuas dúvidas! Eis a razão do convite! E o que mais me autoriza a fazê-lo, é o fato de ter sido um companheiro da mesma igreja; sinto-me, por isso, mais à vontade; sim, porque conheço a nossa igreja não só pela vestimenta exterior que tanto impressiona o rebanho, como pela roupa de baixo que só é dado conhecer àqueles que nela militam.

Na qualidade de espírito desencarnado ainda mais conheci os meandros e íntimos "mistérios" que só ao espírito é dado conhecer e penetrar, porque ele sopra onde quer e ninguém sabe de onde vem. Por isso, num desejo sincero e fraterno de alertar o meu caro irmão, convido-o a reconsiderar quanto, digo, tudo quanto tem dito e feito na sua missão de esclarecer consciências.

Não desejo que a surpresa dolorosa, e o desengano entristecedor sejam frutos colhidos pelo teu espírito, ao transpor o limiar da nova vida. O arrependimento tardio é sempre tarde; a desilusão inesperada é sempre amarga! Vigiai e orai, nos ensinou o Divino Mestre! Medite profundamente, sobrepondo aos enganos do mundo a verdade do Espírito. Repito: Não se turbe o teu coração! Dentro das

três noites, após o recebimento desta missiva, estarei em teus aposentos. Não sei se serás capaz de manter a necessária serenidade para que me possas ver, face a face. Asseguro-te, entretanto, que sentirás, de forma palpável e inequívoca, a minha presença. E isto tão somente para que saibas que os "mortos" estão vivos e militam ao lado dos "vivos" que estão mortos no conhecimento da Verdade. Basta por agora. Que uma segunda "estrada" de Damasco se abra aos teus olhos, para a felicidade do teu Espírito!

Renovo meus votos para que a Paz do Senhor esteja contigo.

Fraternalmente,
(ass.) *Matteo Santuzzi.*

A carta veio escrita à máquina, mas a assinatura é de "próprio punho". Como todos podem verificar, a linguagem é bastante digna e nobre. Há apenas umas indiretas contra a Igreja. No mais, como a absoluta maioria de semelhantes "mensagens do além", o autor respira uma atmosfera de amor e interesse, com as inevitáveis exortações indigestas e incessantes para a caridade. Também o folheto vai mais ou menos neste estilo, tratando-nos de "bom irmão", "bom sacerdote", "nobre Frei Boaventura", "inteligente irmão", "o irmão", etc., terminando com o nobre desejo de "que Deus continue a envolver todas as criaturas em sua infinita bondade". As idéias do livrinho giram em torno da terminologia e da filosofia de Pietro Ubaldi, que em certos meios espíritas do Brasil está entrando na moda.

A promessa de aparecer e falar conosco não foi cumprida até hoje (28 de Outubro de 1954). Talvez não encontrasse nossos "aposentos"... No mesmo dia 7 de Setembro, em que recebemos a carta, escrevemos ao Superior do mencionado Mosteiro da Itália, pedindo maiores informações sobre a vida do falecido monge e que vagueia agora aqui no Brasil. A resposta não se fez esperar. Resultado: Matteo Santuzzi nunca existiu! Eis a cartinha do Superior:

Chartreuse de Florence, 14 septembre 1954.
Mon Révérend Père en Notre-Seigneur,

Votre esprit frappeur est bien mal informé et procède sans doute de l'esprit de Mensonge, car il n'y a eu personne du nom de Matteo Santuzzi à la chartreuse ni en 1917, ni

en un autre temps. De plus, nous n'avons eu aucun décès en 1917! Un Père mourut en juin 1916, un Frère en mars 1918: entre ces deux décès: aucun! Ni Santuzzi, ni personnel! Il me semble que vous aurez la partie belle pour répondre à cet esprit menteur! D'ailleurs, j'imagine que vous vous attendiez à ma réponse, car il y a bien peu de choses exactes dans toutes ces histoires troubles...

Dans la paix de Dieu

(ass.) *Fr. Thomas M. Huot*,
prieur de la chartreuse de Florence (Italie).

Concluindo esta parte relativa à credibilidade dos espíritos, chegamos ao seguinte resultado: Supondo mesmo que AK ou qualquer outro codificador da Doutrina Espírita, se tivesse servido apenas de médiuns que merecem a nossa inteira confiança, transmitindo exclusiva e certamente mensagens recebidas do além e não hauridas do próprio inconsciente ou subconsciente (suposição que ainda não foi demonstrada!), teríamos o pobre do Allan Kardec diante deste quadro desolador: uma enorme quantidade de comunicações (AK fala em "milhões", recebidas de "milhares de centros"!), as mais disparatadas e contraditórias, boas e más, mentirosas e fraudulentas, educadas e ridículas; aconteceu ter recebido informações em tom muito sério e seguro, assinadas pelos nomes mais venerandos e ilustres e que, no entanto, podiam vir muito bem de espíritos mentirosos e embusteiros; ocorreu que espíritos comprovadamente bons e da melhor boa vontade e boa fé podiam dar instruções errôneas e enganar involuntariamente; podia haver mensagens cavilosamente ditadas por aqueles espíritos "que se comprazem no mal e rejubilam quando se lhes depara ocasião de praticá-lo" e "se mascaram de todas as maneiras possíveis para melhor enganar" e que "são capazes de todos os ardis", dispondo de tanta habilidade que nem mesmo se traem "por sinais materiais involuntários", dispostos mesmo a "jurar tudo o que se lhe exigir", permitindo ao mesmo tempo Deus que "também os homens sérios" sejam assim "indignamente enganados por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados"... Eis o material que serviu de base para formular a Terceira Revelação!

Agora era necessário separar o bom do mau, discernir o verdadeiro do falso, o sério do ridículo, os alhos dos bugalhos; era preciso catar o que é certo, deixando o que é falso, peneirar as palavras dos espíritos melhores, jogando fora o cisco dos espíritos zombeteiros. Na verdade, difícil empreitada e espinhosa missão! Mas Allan Kardec teve coragem de meter mãos à obra. Acompanhemos o supremo mestre espírita neste trabalho de selecionar, ordenar, coordenar e, como dizem os espíritas, “codificar” a Doutrina Espírita.

4) A Credibilidade da Codificação.

a) O Codificador.

Também neste estudo da codificação da Doutrina Espírita seguiremos o método de deixar a palavra ao próprio mestre espírita. Revela-nos ele que “foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes” (VII, 237). Mas, continua o mestre, “eram geralmente frívolos os assuntos tratados. Os assistentes ocupavam-se, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério” (VII, 240). “Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, por-

tanto, andar com a maior circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir” (VII, 240 s).

E logo: “Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave erro de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles... Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados. Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui” (VII, 241).

Recebido o material dos vários centros, “era necessário agrupar os fatos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhe as analogias e as diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as idéias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo” (VI, 38).

Nisso, portanto, consistiu a contribuição pessoal do mestre Kardec: “O nosso papel pessoal... é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências. Confrontamos todos os

que têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metódicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações” (VI, 34).

E', pois, incontestável que AK se apresenta como um homem sério, estudioso, científico, interessado em resolver os problemas mais fundamentais da humanidade. Todavia, mesmo a confessada seriedade e circunspeção de uma pessoa, por melhor que seja a sua boa vontade, ainda não é uma garantia suficiente de sua credibilidade absoluta. Pois não nos interessam as idéias pessoais de AK — o que interessa é a novidade e superioridade das novas revelações do além, que, como se afirma entre os espíritas, devem substituir a revelação cristã. Ainda que déssemos por inteiramente segura a probidade e seriedade de AK, não teríamos com isso garantida a credibilidade da doutrina por ele proposta, já que jamais ele nos afirmou a sua infalibilidade: “Nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal” (VI, 35). Declara ainda que não atribui aos seus trabalhos valor maior do que o de uma “obra filosófica, deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas idéias a quem quer que seja” (VI, 34).

Entretanto, em suas *Obras Póstumas* AK fala diversas vezes da *missão* especial de que fora investido pelos espíritos. Narra ele que “numa dessas sessões, muito íntima, a que apenas assistiram sete ou oito pessoas, falavam estas de diferentes coisas relativas aos acontecimentos capazes de acarretar uma transformação social, quando o médium, tomando da cesta, espontaneamente escreveu isto: “Quando o bordão soar, abandoná-lo-eis; apenas aliviareis o vosso semelhante; individualmente o magnetizareis, a fim de curá-lo. Depois, cada um no posto que lhe foi preparado, porque de tudo se fará mister, pois que tudo será destruído, ao menos temporariamente. Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Seus primeiros alicerces já foram colocados... Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí (livre, a cesta se voltou rapidamente para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que me apontasse com o dedo). A

ti M. a espada que não fere, porém mata; contra tudo o que é, serás tu o primeiro a vir. Ele, Rivail, virá em segundo lugar: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido". AK observa em seguida: "Foi essa a primeira revelação positiva da minha missão e confesso que, quando vi a cesta voltar-se bruscamente para o meu lado e designar-me nominativamente, não me pude forrar a certa emoção" (VII, 248 s). Também na p. 252 torna a falar da sua missão especial e na p. 253 o espírito lhe diz: "A missão dos reformadores é preche de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro". E depois, nas pp. 257 ss. fala da *tiara espiritual* com que foi distinguido e o espírito lhe declara que ele é "o chefe da Doutrina", que seus escritos "fazem lei" e que recebeu espontaneamente os títulos de "sumo sacerdote, de pontífice, mesmo de papa", "em suma, o senhor conquistou, sem a buscar, uma posição moral que ninguém lhe pode tirar, dado que, sejam quais forem os trabalhos que se elaborarem depois dos seus, ou concomitantemente com eles, o senhor será sempre o proclamado fundador da Doutrina. Logo, em realidade, está com a *tiara espiritual*, isto é, com a supremacia moral. Reconheça, portanto, que eu disse a verdade" (VII, 260). Mais adiante, na p. 270, e espírito revela que ele, AK, deverá reencarnar, "para concluir a tua missão" e AK faz ingenuamente o seguinte cálculo: "Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda tenho que fazer e levando em conta o tempo da minha ausência e os anos da infância e da juventude, até à idade em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro"...

Já que a Terceira Revelação (o Espiritismo) veio "numa época de emancipação e madurez intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a apresentar papel passivo, em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa" (VI, 36), — por isso, "emancipados, maduros e desenvolvidos que somos", vamos também nós ver aonde nos levaram as observações do mestre Kardec, por que e como ele chegou a estabelecer os vários pontos da Doutrina Espírita.

AK assinala três critérios principais para distinguir os espíritos bons dos maus, as comunicações verdadeiras e sérias das falsas e ridículas: 1) o critério da linguagem

digna e nobre, 2) o critério da concordância dos espíritos, 3) o critério da lógica e do bom senso. Examinemos agora o valor intrínseco desses três critérios fundamentais usados pelo mestre espírita.

c) *Os critérios de seleção adotados por AK.*

1) **O Critério da Linguagem Digna e Nobre**

Exposição: Já nas primeiras páginas de sua obra principal AK formula este critério, que é depois repetido muitas vezes nas outras obras: "Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil", declara ele, e eis como: "Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira" (I, 24). De modo semelhante se exprime no *Livro dos Médiuns*, onde não se cansa de dizer que os espíritos devem ser julgados "pela linguagem de que usam" e declara que "pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado" (III, 274), pois, garante-nos ele, "a bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados" (III, 275).

Portanto, segundo este critério, tudo depende da nobreza e dignidade de expressão, tudo depende de respirar a mais elevada moral e santidade ou não. Logo que constatamos que alguma mensagem recebida por um médium é redigida em forma nobre, digna e elevada — ainda que não seja mui conforme com as Escrituras Sagradas — nós teríamos a garantia de estarmos diante duma nova revelação digna de crédito. Vem provávelmente daí que as mensagens espíritas aparecem redigidas geralmente numa "linguagem digna e nobre" — porque, a não ser assim, seriam sem mais rejeitadas.

Crítica: Aqui poderíamos relembrar tudo que vimos acima sobre os “falsários no mundo dos Espíritos” — pois, se os espíritos maus, “que se comprazem em fazer o mal”, que nos querem “induzir maldosamente no erro” e que “se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar”, se eles, cuja astúcia “ultrapassa às vezes tudo o que se possa imaginar”, são “capazes de todos os ardis”, “identificando-se com os hábitos daqueles a quem falam”, “adotando os nomes mais apropriados a causar forte impressão”, etc. etc., conforme nos admoesta o próprio AK, — como não poderão eles, também, para melhor se impor, usar de um modo de falar nobre, digno, etc., ainda mais se chegarmos a saber que será por este critério que nos havemos de orientar? Não ouvimos frequentemente falar de ladrões e assassinos, que se fingem os maiores amigos da vítima designada, falam constantemente com nobreza e dignidade, mostrando uma dedicação que não parece ter limites e, no entanto, à hora oportuna — uma punhalada traiçoeira ou um tiro pelas costas termina a farça bem representada.

Ademais, vimos que os espíritos pseudo-sábios “dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém crêem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes” (I, 88). Aqui é evidente que o indicado critério nada vale. Aliás, dispomos ainda de muitos textos kardecianos que nos mostram existir comunicações sérias e, no entanto, falsas: “No tocante a comunicações sérias, cumpre distinguir as verdadeiras das falsas, o que nem sempre é fácil, porquanto, *exatamente à sombra da elevação da linguagem*, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas idéias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores escolhos da ciência prática...” (IV, 149 s). Quer dizer: há comunicações “sérias”, com “elevação de linguagem”, adornadas “com os mais respeitáveis nomes”

— e que, não obstante, propugnam “as mais falsas idéias” e “os mais obscuros sistemas”. Como identificar tais mensagens? O critério da linguagem, evidentemente, no caso, nada vale. E outra vez diz o nosso supremo mestre espírita: “Qualificando de *instrutivas* as comunicações, supomos-las verdadeiras, pois o que não for verdadeiro não pode ser instrutivo, ainda que dito na mais imponente linguagem” (III, 150). E isso equivale a negar o valor do critério da “mais imponente linguagem”. Lembremo-nos ainda que existem espíritos sérios e bons e que nos falam com toda a seriedade e boa fé, mas — “há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa fé” (III, 149).

Ilustremos a aplicação do suposto critério com um exemplo do próprio AK: No final de *O Livro dos Espíritos* (p. 460) AK declara que há espíritos, “cuja superioridade se revela na linguagem de que usam” e que “responderam a pessoas muito sérias”, concedendo a existência do purgatório e do inferno segundo a doutrina católica. Ora, não obstante a seriedade e dignidade do modo de falar de tais espíritos, AK e todos os espíritas rejeitam estas mensagens como falsas e mentirosas. Recordamos também a carta acima transcrita do espírito de “Matteo Santuzzi”, redigida também em linguagem “digna e nobre” e no entanto, se não foi fraude consciente de algum espírita, foi evidente brincadeira de mau gosto de um espírito zombeteiro...

Assim é evidente que o critério da linguagem não só não tem valor, mas nem o próprio AK se orienta por ele.

2) O Critério da Concordância dos Espíritos

Exposição: Demos primeiro a palavra ao mestre Kardec: “Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina (espírita), a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, *a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado*. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pes-

soal" (VI, 10). E logo: "Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade. Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica (notese que aqui já transparece outro critério!), é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade" (VI, 11). Também na introdução ao *Evangelho segundo o Espiritismo* o mestre Kardec repisa no valor decisivo deste critério: A Doutrina Espírita, explica ele, vale, "porque recebeu a sanção da concordância"; "tomadas insuladamente, elas (as revelações), para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade" (IV, 21). "Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará as teorias contraditórias. Ai é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade" (IV, 21).

Assim propõe e explica AK o critério da concordância dos espíritos. Seria portanto, um critério relativamente fácil e aplicável: comparar as "milhões" de comunicações recebidas de "milhares de centros" — e tudo aquilo em que todos os espíritos estiverem concordes, seria admitido como verdadeiro; o mais seria rejeitado como falso ou, ao menos, como insuficientemente comprovado. E, pelo seu modo de falar, AK quer, realmente, dar aos seus leitores a impressão de que tudo o que ele propõe em seu livros definitivos, passou incólume por este critério, "com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser considerados simples opiniões pessoais" (VI, 11 s), todo o mais é conforme "com o ensino geral dos Espíritos" (VI, 11).

Crítica: A primeira pergunta que nos ocorreria fazer, seria: Concordância geral de que espíritos? de todos? também dos maus, travessos e galhofeiros, que são numerosos?

Ou só dos bons, puros e sábios? E então voltariamos à mesma questão de antes: como saber se um espírito é de fato superior, bom e puro? Só pelo modo de falar digno e repassado de moralidade?... Pois, se, como vimos, o espírito não apresenta carteira de identidade e, ademais, "agasta-o toda questão que tenha por fim pô-lo à prova" (III, 271) e se também os espíritos bons e superiores se apresentam sob nomes falsos (III, 270)!

Depois, imaginemos um milhão de mensagens: quanto tempo levaria uma pessoa em ler, estudar, comparar, coordenar e "codificar" um milhão de mensagens? AK começou a receber as primeiras comunicações em 1855; dois anos depois, em 1857, já sai prontinho o *Livro dos Espíritos*. Pergunte o leitor agora a um matemático se uma pessoa é capaz de fazer todo aquele estudo em apenas dois anos...

Mas apliquemos também aqui o princípio de refutar Allan Kardec com Allan Kardec. Eis aí outras informações que ele nos dá sobre a formação da Doutrina Espírita: "Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários" (VI, 38). E continua na preciosa informação: "A revelação faz-se assim parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários". E depois: "Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a Doutrina Espírita" (VI, 38).

Mas isso já é coisa bem diferente! Quer dizer que houve colaboração de muitos espíritos, mas não consentimento unânime, coletivo, de todos os espíritos, em todas as partes da Doutrina Espírita: cada espírito contribuiu com alguma comunicação "parcial"; os espíritos "dividiram

o trabalho”, como nas fábricas... e “foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinos parciais que constituíram a Doutrina Espírita”!

E temos mais: Falando de sua obra básica, *O Livro dos Espíritos*, AK escreve: “Mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho” (VII, 243). Portanto os “milhões” foram sensivelmente reduzidos: agora são “mais de dez”... E ele continua na mesma página: “Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação”, nasceu o dito livro. Observem os leitores: *Muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação!* Mas — “remodeladas” por quem? com que competência? com que autoridade e autorização? Se do além nos vem uma revelação, destinada a “completar, explicar e desenvolver” a Revelação trazida por Cristo (cf. VI, 26), então fazemos questão de ter as novas “revelações” assim como elas vieram e não assim como elas foram “muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação” por um senhor Leão Hipólito Denizart Rivail, aliás Allan Kardec, tão falível como qualquer um de nós...

E agora, para ilustrar, um exemplo de aplicação do critério da concordância, feita pelo mesmo senhor AK. É sabido que um dos princípios fundamentais de toda a Doutrina Espírita codificada por AK e propagada aqui no Brasil, é o princípio da reencarnação. Julgam os leitores que ao menos este princípio básico passou incólume pelo critério da concordância? Abram então o *Livro dos Médiuns*, p. 338, e poderão ler o seguinte: “De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais frisantes é a que diz respeito à reencarnação”. E logo revela que “nem todos os Espíritos a ensinam”. Aliás, os espíritos anglo-saxões, que também dizem ter recebido as suas doutrinas dos espíritos, não admitem a reencarnação — mas para AK a reencarnação é coisa que nem mais se discute. Mas temos muitíssimo mais. Em *O Livro dos Espíritos* AK intercalou um capítulo próprio, dele mesmo, não recebido dos espíritos, sobre a reencarnação (cap. V, pp. 138-148), em que faz considerações filosóficas pró e

contra a pluralidade das existências. Pelo fim do capítulo escreve o seguinte: "Temos raciocinado, abstraído, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita, que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. E' porque esta doutrina nos pareceu a ma^e lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis" (p. 147). AK, portanto, nos diz que é reencarnacionista não porque os espíritos revelaram, mas por razões de ordem filosófica. Estas e não o valor dos espíritos é que decidiram o codificador a aceitar a reencarnação! Isso é importantíssimo. O organizador da Doutrina Espírita continua ainda, para não deixar dúvidas a respeito: "Ainda quando [a idéia da reencarnação] fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos, igualmente, adotado e não houvéríamos hesitado um segundo mais em renunciar às idéias que esposávamos. Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor próprio, com o se obstinar na sustentação de uma idéia falsa. Assim, também, tê-la-íamos repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos perecera contrário à razão, como repelimos muitas outras..." Mesmo que provindo dos Espíritos! O grifo é nosso. Estas palavras mostram quanto valem para AK as comunicações dos "espíritos": exatamente nada. Revelassem eles a reencarnação ou ensinassem eles o contrário, o codificador, de qualquer jeito, seria reencarnacionista. Ele próprio o diz. Isso equivale a declarar a absoluta bancarrota do Espiritismo. Para que ainda comunicações dos espíritos? O melhor que poderão fazer é confirmar a nossa opinião pessoal; se não concordarem conosco, repelimo-los... E' o que nos ensina o supremo mestre espírita.

Poderíamos tornar a lembrar também o exemplo acima citado, em que vimos que há espíritos "cuja superioridade se revela na linguagem de que usam" e que disseram a "pessoas muito sérias" que o inferno existe mesmo — e, no entanto, para os espíritas a não existência do inferno é outra verdade, absolutamente certa, tão certa

como é certo que o planeta Júpiter tem apenas quatro luas...

Assim, pois, o critério da concordância, embora fosse, talvez, teoricamente aceitável ou pelo menos discutível, é praticamente inexistente. Por isso escreve também AK: "Não há outro critério, senão o bom senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos" (III, 276), pois, declara ele, "o bom senso não poderá enganar" (III, 280). Vejamos, portanto, a viabilidade desta última possibilidade.

3) O Critério da Lógica e do Bom Senso

Exposição: Como sempre, deixemos que primeiramente AK nos exponha o seu ponto de vista: "O primeiro exame comprobativo é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria, em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura" (IV, 19 s). "Não admitais, portanto, — recomenda o espírito de "Erasmo" — senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que nos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom senso reproverem" (III, 242 s).

Os espíritos revelaram, mas deixaram ao homem "o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão" (VI, 37). "Os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica" (III, 149). Por isso: "Rejeitar, sem hesitação, tudo o que peque contra a lógica e o bom senso... este meio é *único, mas é infalível*" (III, 275 s); "é preciso sondar-lhe o íntimo, analisar-lhe as palavras friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito" (III, 276 s); "toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom senso, aponta fraude" (III, 277); "jamais os bons

Espíritos aconselham senão o que seja perfeitamente racional” (III, 279). “Não pode haver mistérios absolutos” (IV, 295); para o Espiritismo “absolutamente não há mistérios, mas uma fé racional, que se baseia em fatos e que deseja a luz” (VII, 201).

Poderíamos acumular semelhantes textos. Mas já está suficientemente claro o verdadeiro pensamento do mestre espírita: O bom senso (o que seria esse bom senso que “não poderá enganar”?), a razão e a lógica são o critério único e supremo da verdade. Com isso estamos em pleno e perfeito *racionalismo*. Na edição brasileira de 1897 do *Evangelho segundo o Espiritismo*, encontramos à p. VI o grito racionalista: “Queremos livres pensadores!” E na p. X esta, a mais crassa formulação do princípio racionalista do século passado: “Para fundar a doutrina que deve servir de apoio aos espíritos de hoje, não é necessário, não é preciso milagres, é preciso, ao contrário, que a ciência com seu escapelo possa sondar todos os dogmas, todas as máximas, todas as manifestações; é preciso que a razão possa tudo analisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar”.

Crítica: Com isso poderíamos dar por encerrado o exame dos fundamentos da Doutrina Espírita: tornou-se evidente que o fundamento único é a razão — e a razão de Allan Kardec! Com efeito: para que tantas comunicações de espíritos — se é a nossa razão que deve decidir e “rejeitar desassombradamente o que a razão e o bom senso reprovarem”? Para que tanta consulta de médiuns — se somos nós mesmos que devemos “submeter tudo ao cadinho da razão” e “rejeitar, sem hesitação, tudo o que peque contra a lógica e o bom senso”? Para que buscar tantas revelações do além — se é “preciso que a razão possa tudo analisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar”?

Entretanto, ponhamos mais uma vez AK contra AK e destruamos o valor decisivo deste critério da lógica e do bom senso com palavras do próprio AK: “O homem — escreve ele — cujas faculdades são restritas, não pode penetrar, nem abarcar o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade,

dos interesses factícios e convencionais que criou para si mesmo e que não se compreendem na ordem da Natureza. Por isso é que, muitas vezes, se lhe afigura mau e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se lhe conhecesse a causa, o objetivo, o resultado definitivo. Pesquisando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, verificará que tudo traz o sinete da sabedoria infinita e se dobrará a essa sabedoria, mesmo com relação ao que não lhe seja compreensível” (VI, 67). Portanto: há mistérios! Portanto: não é possível que a “razão possa tudo anilisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar!” Mas continuemos, AK nos oferece outros textos semelhantes: “Há muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém não é razão para que as repilais” (I, 79) — como combinar este conselho com aquele outro que mandava não admitir “senão o que seja ao vossos olhos de manifesta evidência”? Outra vez: “Deus pode revelar o que à Ciência não é dado aprender” (I, 56). Ainda outra vez fala do “orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem haja coisa alguma que lhes esteja acima do entendimento” (I, 105). E mais: “Dos efeitos que observamos, podemos remontar a algumas causas. Há, porém, um limite que não nos é possível transpor. Querer ir além é, simultaneamente, perder tempo e cair em erro” (VII, 31). Mas essas palavras de AK provam que a razão, a lógica, a ciência e bom senso não podem ser o critério único e último da verdade.

E queremos alegar mais esse grão de ouro, escrito também por AK: “Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas idéias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mal. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primordial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. E’ o defeito sobre que mais se iludem os homens” (III, 280). Não teria sido, também, o

mestre Kardec vítima deste defeito? Pois quem nos garante a sua infalibilidade em julgar e discernir as revelações? “O primeiro indício da falta de bom senso está em crer alguém infalível o seu juízo” (I, 44); “o homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas idéias são as mais falsas, se apóiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível” (I, 28). — Mas então, meu caro Kardec (desculpem a apóstrofe), por que foi que você rejeitou a divindade de Cristo, a inspiração divina da Bíblia, o pecado original, a graça, a redenção, os sacramentos, o inferno e outras muitas coisas tão claramente reveladas na Sagrada Escritura? Não foi unicamente porque lhe parecia impossível? Não foi simplesmente porque a sua razão não era capaz de compreender? Cristo, por exemplo, fala umas vinte vezes sobre o inferno e diz claramente que é sem fim e você mesmo concede que alguns bons espíritos revelaram com bons modos a mesma existência do inferno — e, no entanto, você não o admite! Por quê? Simplesmente porque a sua razão acha que não pode ser, que Deus seria injusto, etc. Não, Kardec, repita consigo mesmo: “Procuremos em tudo a justiça e a sabedoria de Deus e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento” (VI, 78). Allan Kardec condenou-se a si mesmo, quando escreveu: “Em geral os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam” (VI, 77). E mais: “Os homens de saber e de espírito, tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal e julgando-se aptos a compreender tudo, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem” (IV, 109).

Conclusão.

Concluindo e resumindo os resultados da primeira parte do nosso ensaio, temos que a Doutrina Espirita não apresenta nenhuma garantia de credibilidade. E em *primeiro*

lugar já é puramente hipotética a suposição de que as mensagens mediúnicas venham de espíritos do outro mundo — o que por si já seria um duvidoso fundamento. Temos em *segundo* lugar a quase insuperável dificuldade de encontrar um verdadeiro médium, digno de inteira confiança e que nos dê garantias absolutas de não recorrer, nem consciente, nem inconscientemente, aos próprios conhecimentos do inconsciente ou subconsciente. E ainda que o encontrássemos, teríamos a *terceira*, e esta de fato insuperável, dificuldade de discernir os espíritos superiores dos inferiores, as mensagens verdadeiras das erradas. Pois os critérios indicados por AK levam a um extremo, puro e crasso racionalismo.

Os espíritas têm sempre um superior sorriso de malícia para a “fé cega” dos católicos — mas o espírita crê muito mais do que o católico e crê com muitíssimo menos base. Bem escreveu Pe. Herédia: “Se se admite a hipótese espírita de que a comunicação com as almas dos mortos é possível por meio dos médiuns, há muito pouco fundamento para qualquer coisa que se pareça com religião; se se nega a hipótese, então é que não há nenhum fundamento” (*Espiritismo e bom senso*, 1924, p. 193).

II. E' DIVINAMENTE PROIBIDO EVOCAR ESPIRITOS.

1) A prática do Espiritismo é antiquíssima.

No Espiritismo devemos distinguir nitidamente entre o aspecto *doutrinário* e o lado *prático*. A prática do Espiritismo consiste substancialmente na evocação dos mortos ou espíritos; a doutrina do Espiritismo é o resultado da codificação das mensagens recebidas mediante a evocação. A parte prática é, em sua essência, sempre a mesma e sob este aspecto o Espiritismo é um só e não se distingue em Espiritismo Latino e Espiritismo Anglo-saxão, em Espiritismo Alto e Espiritismo Baixo, em Espiritismo Kardecista e Espiritismo Umbandista, etc.: tudo isso é uma coisa só: evocação dos espíritos; apenas haverá diferenças modais (e por isso mesmo acidentais) quanto ao modo como fazer a evocação. Mas sob o ponto de vista doutrinário as diferenças são muitas vezes essenciais, havendo por exemplo uns que aceitam e outros que negam a teoria da reencarnação, uns deístas outros panteístas, etc. Como doutrina o Espiritismo é relativamente recente e vem do século passado; como prática é antiquíssimo e encontrámo-lo entre muitos povos antes da era cristã. Mostremos dois exemplos antigos:

O historiador Ammianus Marcellinus (A.D. 371) descreve minuciosamente o andamento de uma sessão espírita daqueles remotos tempos: Haviam-se reunido alguns conspícuos para derrubar o imperador Flavius Valens e desejavam conhecer o nome do sucessor a quem deviam eleger. Para esse fim recorreram à realização de certas práticas de magia que um deles, de nome Hilário, nos descreve com estes pormenores: Começaram por fazer, com varas de loureiro entrelaçadas, uma pequena mesa com a forma de tripode de Delfos e, por meio de repetidas fórmulas místicas, fizeram a sagração da referida mesa, com

o fim de a consultarem sobre assuntos secretos. Colocaram-na depois no meio de uma sala que tinha sido cuidadosamente purificada com perfumes da Arábia. Sobre a mesa foi colocada uma espécie de prato redondo, na borda do qual estavam gravadas as vinte e quatro letras do alfabeto, a uma distância regular umas das outras. Suspenso do teto por um delgado fio, havia um pequeno anel que se baloiçava de um lado para o outro, devido ao movimento que lhe era incutido por uma pessoa iniciada neste sagrado rito. Com esse movimento, o anel caía sucessivamente sobre diversas letras, compondo assim versos heróicos e dando respostas metódicas, semelhantes às dos oráculos de Pítia. Por este meio os referidos conspiradores chegaram a saber que o nome do sucessor de Valens era composto pelas letras T, E, O, D, que um dos assistentes interpretou como sendo o nome de Teodoro (Cf. Lépiciér, *O Mundo Invisível*, Porto 1951, p. 1 s).

Muito melhor é ainda a descrição da consulta que o rei israelita, Saul, fez à pitonisa (médium) de Endor, consoante lemos no c. 28 (vers. 5-15) do primeiro livro dos Reis: “E, vendo Saul o exército dos filisteus, teve medo, e o seu coração intimidou-se sobremaneira. E consultou o Senhor, o qual não lhe respondeu nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por profetas. E Saul disse aos seus servos: Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Piton, e eu irei ter com ela, e a consultarei. E os seus servos disseram-lhe: Em Endor há uma mulher que tem o espírito de Piton. Saul, pois, disfarçou-se, e tomou outros vestidos, e partiu ele e dois homens com ele, e chegaram de noite a casa da mulher, e disse-lhe: Adivinha-me pelo espírito de Piton, e faze-me aparecer quem eu te disser. E a mulher respondeu-lhe: Tu bem sabes tudo o que fez Saul, e como exterminou do país os magos e os adivinhos; por que armas, pois, ciladas à minha vida, para me matarem? E Saul jurou-lhe pelo Senhor, dizendo: Viva o Senhor, que disto não te virá mal algum. E a mulher disse-lhe: Quem queres tu que te apareça? Saul disse: Faze-me aparecer Samuel. E a mulher, tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito, e disse a Saul: Por que me enga-

naste? Tu és Saul? E o rei disse-lhe: Não temas; que viste tu? E a mulher disse a Saul: Vi um deus que subia da terra. E Saul disse-lhe: Como é a sua figura? Ela respondeu: Subiu um homem ancião, e esse envolvido numa capa. E Saul compreendeu que era Samuel, e fez-lhe uma profunda reverência, e prostrou-se por terra. Mas Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me vir cá?”. Etc.

Vê-se pelos exemplos citados que, essencialmente, essas práticas são idênticas ao que se faz na moderna necromancia (Espiritismo) ou magia (Umbanda). Ora, não será difícil documentar que precisamente isto foi severamente proibido por Deus:

2) “Não consultarás os mortos”.

Arrolemos primeiramente os textos principais em que Deus interditou ao homem o exercício da necromancia e da magia, textos que já citamos em outra brochura desta coleção:

1) *Êxodo 22, 18*: “Não deixarás viver os feiticeiros”.

2) *Lev 20, 6*: “A pessoa que se dirigir a magos e adivinhos e tiver comunicação com eles, eu porei o meu rosto contra ela e a exterminarei do seu povo”.

3) *Lev 20, 27*: “O homem ou a mulher em que houver espírito pitônico ou de adivinho, sejam punidos de morte. Apedrejá-los-ão, o seu sangue cairá sobre eles”. Supõe-se, evidentemente, que tal homem ou mulher *exercite* seu “espírito pitônico”.

4) *Lev 19, 31*: “Não vos dirijais aos magos, nem interrogueis os adivinhos, para que vos não contamineis por meio deles. Eu sou o Senhor vosso Deus”.

5) *Deut 18, 10-14*: “Não se ache entre vós... quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem consulte pitões ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor abomina todas estas coisas, e por tais maldades exterminará estes povos à tua entrada. Serás perfeito e sem mancha como o Senhor teu Deus. Estes povos, cujo país tu possuirás, ouvem os agoureiros e os adivi-

nhos; tu, porém, foste instruído doutro modo pelo Senhor teu Deus”.

6) 4 Reis 17, 17: (enumerando os crimes de Israel, pelos quais foi castigado:) “...e entregaram-se a adivinhações e agouros, e abandonaram-se a fazer o mal diante do Senhor, provocando sua ira. E o Senhor indignou-se sobremaneira contra Israel e rejeitou-o de diante de sua face...”

7) Isaias 8, 19-20: “E quando vos disserem: consultai os pitões e os adivinhos, que murmuram em segredo nos seus encantamentos: Acaso não consultará o Povo ao seu Deus, há de ir falar com os mortos acerca dos vivos? Antes à Lei e ao Testamento é que se deve recorrer. Porém, se eles não falarem na conformidade desta palavra, não raia-rá para eles a luz da manhã”.

Analisemos sistematicamente os textos citados. A palavra divina é clara:

- “Não vos dirijais aos magos!”
- “Não interrogueis os adivinhos!”
- “Não se ache entre vós quem consulte adivinhos!”
- “Não se ache entre vós quem observe sonhos e agouros!”
- “Não se ache entre vós quem use malefícios!”
- “Não se ache entre vós quem seja encantador!”
- “Não se ache entre vós quem consulte pitões!”
- “Não se ache entre vós quem indague dos mortos a verdade!”

Porque:

- “O Senhor abomina estas coisas”;
- “por tais maldades exterminará estes povos”;
- “tu foste instruído doutro modo pelo Senhor teu Deus”;
- “antes à Lei e ao Testamento é que se deve recorrer”.

E quem desobedecer:

- “Não o deixarás viver!”
- “Eu porei o meu rosto contra ele”.
- “Eu o exterminarei do seu povo”.
- “Seja punido de morte!”
- “Rejeito-o de diante de minha face”.
- “Não raia-rá para ele a luz da manhã”.

Clara, repetida, enérgica e severíssima é, pois, esta proibição. E o Senhor nosso Deus não se limita a ameaçar:

- Os povos que ocupavam a terra de Canaan antes de Israel foram exterminados porque praticaram a necromancia e a magia;
- o próprio povo de Israel que, apesar de tão severas proibições, se entregou às mesmas práticas espíritas, foi por isso vítima da justa indignação do Criador, que rejeitou Israel;
- O rei Saul, que, como vimos, fora consultar a pitonisa de Endor, foi, também, por este motivo, severamente castigado. Os espíritas se comprazem muitas vezes em citar aquela passagem para demonstrar que é possível a evocação. Mas não se lembram de meditar também no trágico fim do mesmo Saul. Pois o texto sagrado nos revela também o seguinte: “*Morreu, pois, Saul, por causa das suas iniquidades, porque tinha desobedecido ao mandamento que o Senhor lhe tinha imposto e não tinha observado; e, além disso, tinha consultado a pitonisa e não tinha posto a sua confiança no Senhor; por isso ele o matou, e transferiu o seu reino para David, filho de Isai*” (1 Paralel 10, 3).

3) Este mandamento divino jamais foi revogado.

“Não julgueis — disse Cristo — que vim abolir a lei e os profetas; não os vim abolir, mas levar à perfeição; pois em verdade vos digo que antes de passarem o céu e a terra não passará um só “i”, nem um ápice sequer da lei, enquanto não chegar tudo à perfeição. Quem abolir algum desses mandamentos, por mínimo que seja, e ensinar assim a gente, passará pelo ínfimo no reino do céu. Aquele, porém, que os guardar e ensinar, será considerado grande no reino do céu” (Mt 5, 17-19).

Dizem os espíritas que Jesus foi um grande médium (cf. AK VI, 294; VII, 136). Mas, observa com perspicácia o Card. Lépicier (*O Mundo Invisível*, 1951, pp. 281 ss), em parte nenhuma dos Evangelhos lemos que Nosso Salvador

ão realizar suas muitas obras miraculosas, tivesse recorrido a esse complicado e teatral aparato com que os espíritas profissionais realizam seus trabalhos. Jamais vemos que Jesus tivesse qualquer artificiosa seleção de lugar, tempo e pessoas, quartos escuros ou semi-escuros, posição especial por parte dos presentes, nem nunca houve estado de transe por parte do principal operador. Cristo operava seus milagres sem prévia preparação ou qualquer aparato, em qualquer lugar e a qualquer hora, sobre qualquer espécie de pessoa, sem sombra de hesitação, muitas vezes instantaneamente, por um simples ato de sua vontade e sem se preocupar com o fato de as circunstâncias lhe serem ou não favoráveis. Seus ouvintes não precisavam esperar longas horas até que se desse o fenômeno, nem jamais eram decepcionados. Os espíritas aceitam só com muita repugnância e apenas com prévia consulta do "guia" (como sabemos por experiência pessoal!) gente estranha ou até hostil ao Espiritismo: Jesus pelo contrário, fazia seus milagres entre amigos e inimigos, sendo até estes últimos muitas vezes mais numerosos e sempre prontos a acusá-lo de erro ou de fraude. Cristo continua sempre natural, simples e digno. Não trabalhava com pancadas, mudanças de objetos, elevações de móveis, produção de sons musicais ou coisas semelhantes, como hoje é comum nas sessões de efeitos físicos. Nem fazia milagres para divertir multidões ou para satisfazer curiosidades. Os milagres feitos por Cristo sempre o deixaram de perfeita saúde e no pleno uso consciente de suas faculdades físicas e intelectuais, sem aquele esgotamento e nervosismo que notamos nos médiuns, que depois precisam descansar longos dias. Quando necessário, Jesus ressuscitava mortos, multiplicava pães, mudava água em vinho, amainava tempestades, curava à distância, purificava leprosos, dava vista aos cegos, ouvido aos surdos e fala aos mudos. Cristo não se entretinha com os espíritos (demônios), não lhes formulava perguntas, nem lhes pedia provas de identidade: apenas os expulsava e admoestava as vítimas contra o perigo de novas possessões. Nunca ensinou que temos o dever de procurar a verdade por intermédio dos mortos. Na parábola do rico epulão e

do pobre Lázaro insinua precisamente o contrário. Nunca ditou quaisquer regras que pudessem servir para diferenciar o bem do mal, a verdade da mentira nas comunicações do além. Nem nos deixou instruções especiais a respeito do modo de obter comunicações ou de evitar os já conhecidos perigos para alma e corpo.

E' que Jesus não era médium, nem muito menos es-pírita.

Na atividade dos Apóstolos, instruídos e largamente pre-parados por Cristo, verificamos o mesmo. E se acompanhar-mos as viagens apostólicas de um São Paulo, veremos que ele, mais de uma vez, teve encontros violentos com ne-cromantes, feiticeiros e magos. Eis alguns exemplos dos Atos dos Apóstolos:

Atos 12, 6-12: Paulo e Barnabé "percorreram a ilha (de Chipre) toda até Pafos, onde encontraram um jovem judeu, mago e falso profeta, que se chamava Barjesus. Vi-nha na comitiva do procônsul Sérgio Paulo, homem cri-terioso. Mandou este chamar a Barnabé e Saulo e desejava ouvir a palavra de Deus. Élimas porém — quer dizer o mago, pois é assim que se traduz o seu nome — se lhes opôs, procurando apartar da fé o procônsul. Então Saulo, que também se chama Paulo, repleto do Espírito Santo, encarou Élimas e disse: O' filho do demônio, cheio de toda a falsidade e malícia, inimigo de toda a justiça, não cessas de perverter os caminhos retos do Senhor? Eis que vem sobre ti a mão do Senhor; serás cego e não verás o sol por certo tempo. Imediatamente o envolveram trevas espes-sas; e ele, tacteando em derredor, procurava quem lhe desse a mão. O procônsul, à vista deste acontecimento, creu, ad-mirando a doutrina do Senhor".

Atos 19, 11-20: "E Deus operava milagres extraordiná-rios por mão de Paulo. Até os seus lenços e aventais que tinham tocado no seu corpo se aplicavam aos enfermos, e as moléstias fugiam deles e os espíritos malignos saíam. Também alguns dos exorcistas judeus, que percorriam o país, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os endemoninhados, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo anuncia! Quem isto praticava eram os sete filhos de um tal Sceva, sumo sacerdote judeu. O espírito maligno, porém, replicou: Conheço a Jesus, e sei quem é Paulo; mas vós quem sois? E com isso o homem possesso do espírito maligno investiu contra eles, subjugou dois deles e a tal ponto lhes fez sentir o seu poder que, nus e feridos, tive-

ram que fugir daquela casa. Chegou este fato ao conhecimento de todos os judeus e pagãos que residiam em Éfeso, e despertou um terror universal, ao mesmo tempo que o nome do Senhor Jesus adquiria grande lustre. Muitos dos crentes se apresentavam, confessando e declarando publicamente o que haviam cometido. *Outros muitos, que tinham praticado artes mágicas, trouxeram os seus livros e os queimaram aos olhos de todos; calculou-se o valor deles em cinquenta mil dracmas de prata.* Desta arte crescia e se firmava poderosamente a palavra do Senhor”.

Atos 16, 16-18: “De caminho para o lugar de oração deparou-se-nos uma escrava que tinha espírito de pitão e com as suas adivinhações dava grande lucro a seus senhores. Deitou a correr no encalço de Paulo e de nós, gritando: Estes homens são servos de Deus altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação! Fazia isto por muitos dias. Paulo, aborrecido, voltou-se e disse ao espírito: Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela! E na mesma hora saiu”.

Atos 9, 9-12: “Ora, desde muito vivia na cidade (de Samaria) um homem por nome Simão, que praticava a magia e iludia o povo, arvorando-se num ente superior. Toda a gente lhe dava ouvidos, desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a virtude de Deus, que se chama grande. Aderiram-lhe, porque os fascinara, por largo tempo, com suas artes mágicas. Quando, porém, apareceu Filipe pregando a boa nova do reino de Deus e do nome de Jesus, homens e mulheres abraçaram a fé e foram batizados. Então creu também Simão, recebeu o batismo”, etc.

4) “Amarás o Senhor teu Deus”.

De tudo isso podemos coligir com certeza absoluta que o mandamento divino de não evocar os espíritos jamais foi revogado.

Não compreendemos, por isso, como se possa combinar a prática da evocação dos espíritos com o maior de todos os mandamentos de Deus: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua mente, com todas as tuas forças”. E Jesus acrescenta: “Este é o primeiro, o grande mandamento” (Mt 22, 37 s). Ora, a suposição natural para cumprir esta nossa máxima obrigação, é observar também os outros mandamentos divinos, inclusive o que diz: “Não indagarás dos mortos a verdade”. “Se me amais — diz o Senhor, — guardai os meus man-

damentos" (Jo 14, 15); "quem guarda os meus mandamentos e os observa, esse é que me ama" (Jo 14, 21); "vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando" (Jo 15, 14).

O necromante, o mago, o espírita e todos aqueles que favorecem, protegem e propagam a necromancia, a magia e o Espiritismo, desobedecem manifestamente a uma ordem expressa de Deus e por isso jamais poderão dizer leal e sinceramente esta pequenina mas importantíssima oração que todo homem deve poder pronunciar: "Meus Deus, eu Vos amo!"

Oxalá possa escrever-se, em breve, do Brasil, o que se lê acerca dos hebreus: "Não há agouros em Jacob, nem adivinhações em Israel" (Num 23, 23). Posteriormente, como vimos acima, o povo israelítico mudou de atitude e se entregou às práticas espíritas. Mais tarde o inspirado cronista viu-se forçado a escrever: "...e entregaram-se (os israelitas) a adivinhações e agouros, e abandonaram-se a fazer o mal diante do Senhor. E o Senhor indignou-se sobremaneira contra Israel e rejeitou-o de diante de sua face" (4 Reis 17, 17). O órgão oficial da Federação Espírita Brasileira (FEB), *Reformador*, publicou, ufano, no fascículo de Setembro de 1953, p. 199 o seguinte: "Graças à FEB, aos trabalhos dos febianos, entre todos os países do mundo inteiro é o Brasil aquele que se acha mais kardequizado"; e mais: "Graças à FEB, à propaganda que ela sempre desenvolveu em torno das obras de Kardec, o Brasil delas editou muitas e muitas vezes mais que a soma das edições lançadas por todos os países do mundo e por preço sempre inferior, às vezes 60% de diferença". — De fato, muita evocação de mortos e espíritos se pratica por este grande Brasil afora, muita desobediência e muita revolta contra o Criador, graças aos propagandistas do Espiritismo. Não aconteça que, mais tarde, outro cronista inspirado deva sentar-se também à rústica escrivaniha, para relatar: "...e entregaram-se os brasileiros a adivinhações e agouros, e abandonaram-se a fazer o mal diante do Senhor, provocando sua ira. E o Senhor indignou-se so-

bremaneira contra o Brasil e rejeitou-o de diante de sua face...”

Motivos, certamente, não faltariam.

5) Diretrizes oficiais da Igreja.

“Se teu irmão cometer falta contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só. Se te der ouvido, terás lucrado teu irmão; mas se não te der ouvido, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que pelo depoimento de duas testemunhas fique tudo apurado. Se, porém, nem ouvir a esses, vai dizê-lo à Igreja; se não ouvir à Igreja, tem-no em conta de pagão e publicano”. Palavra de Cristo; e dirigindo-se aos Apóstolos, acrescentou o Divino Mestre: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes sobre a terra será ligado também no céu; e tudo o que desligardes sobre a terra, será desligado também no céu” (Mt 18, 15-18). Pois, “quem vos ouve a mim me ouve; quem vos despreza a mim me despreza; mas quem me despreza, despreza aquele que me enviou” (Lc 10, 16).

E a Igreja, divinamente autorizada, falou:

1) Logo no início do moderno movimento espírita, no dia 4 de Agosto de 1856, a Santa Sé visava diretamente o Espiritismo, quando afirmava que:

“Evocar as almas dos mortos e pretender receber suas respostas, manifestar coisas ocultas e distantes, ou praticar outras superstições análogas, é absolutamente ilícito, herético, escandaloso e contrário à honestidade dos costumes”.

2) No dia 1 de Fevereiro de 1882 declarou a Sagrada Penitenciaria que a mera assistência passiva a consultas e práticas espíritas é ilícita por causa do mau exemplo e do perigo da salvação, que nunca são alheios a tais práticas.

3) No dia 1 de Abril de 1898 respondeu o Santo Ofício a uma consulta e declarou ser ilícito “evocar as almas dos mortos, mesmo que seja feito anteriormente o protesto de excluir a intenção de intervenção diabólica”.

4) Afinal, no dia 24 de Abril de 1917 foi exarado o seguinte decreto oficial do Santo Ofício:

“Em reunião plenária dos Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardeais, Inquisidores gerais em assuntos de fé e moral, foi proposta a seguinte questão: Se é lícito assis-

tir a sessões ou manifestações espíritas, sejam elas realizadas ou não com o auxílio de um médium, com ou sem hipnotismo, sejam quais forem essas sessões ou manifestações, mesmo que aparentemente simulem honestidade ou piedade; quer interrogando almas ou espíritos, ou ouvindo as suas respostas, quer assistindo a elas com o protesto tácito ou expresso de não querer ter qualquer relação com espíritos malignos. Os acima citados Eminentíssimos e Reverendísimos Padres deram como resposta: *Negativa em todos os casos*. Sendo isso levado ao conhecimento do Papa Benedito XV, Sua Santidade, na Quinta-Feira seguinte, 26 do mesmo mês, aprovou a decisão dos Eminentíssimos Padres. — Dado em Roma, no Palácio do Santo Ofício, aos 27 de Abril de 1917”.

5) Também no Brasil falaram muitas vezes e com absoluta clareza as nossas competentes autoridades eclesiásticas. Numerosos Bispos escreveram Cartas Pastorais especialmente dedicadas ao problema do Espiritismo e em que admoestaram calorosamente os fiéis contra os perigos sobrenaturais e naturais da prática da evocação dos espíritos e repetiram sua condenação total. Particular destaque merece a Pastoral Coletiva do Episcopado do Norte (Baía 1915), da qual transcrevemos as declarações finais:

“Assim, pois, não é lícito, Irmãos e Filhos muito amados, não só promover, mas mesmo simplesmente assistir às sessões espíritas.

Não é lícito se se assiste com a idéia de serem realmente evocados os espíritos, pois, ainda que se não aderisse à doutrina espírita (o que equivaleria a errar na fé e tornar-se herege), seria um verdadeiro ato de superstição condenado pela Igreja Católica.

Não é lícito, mesmo apartada toda a idéia de evocação, porque a triste e múltipla experiência tem provado quão facilmente se deixam os homens arrastar para o erro espírita por aquelas aparências prodigiosas. Ora, é sempre ilícito expor-se sem necessidade a um perigo grave para a vida sobrenatural e para a salvação.

Não é lícito sobre o pretexto de estudo, pois vimos, Irmãos e Filhos muito amados, quão impróprias são as sessões ordinárias para se chegar a um conhecimento sério dos fatos, antes, por todas as circunstâncias em que se realizam, são acomodadas para o desvairamento e para produzir convicções contrárias à realidade.

E vós mesmos, Irmãos e Filhos muito amados, vereis agora se pode ser lícita aquela assistência às sessões es-

píritas por mero divertimento ou curiosidade, quando, além de todos os motivos que vos apresentamos, vos recordamos as tristíssimas consequências de loucuras e outras desordens quer orgânicas quer de ordem moral bem conhecidas de todos.

Só nos resta, Irmãos e Filhos muito amados, exortar-vos mais uma vez com todo o ardor dos nossos corações paternais, na presença de Deus, na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, que há de vir a julgar os vivos e os mortos, a que vos não deixeis enganar por esta doutrina nefasta do Espiritismo, que tantas almas tem arrastado à heresia e privado do céu.

Abstende-vos de ler os livros e as revistas com que a seita espírita vai enganando a tantos incautos, fugi das sessões em que exibem os seus falsos prodígios.

Assegurai a vossa salvação eterna, perseverando constantes na verdadeira fé e na doutrina da Igreja Católica, Apostólica, Romana, única verdadeira; e lembrai-vos das palavras de Nosso Divino Salvador: "Só quem perseverar até ao fim, é que será salvo".

6) E, por fim, em Agosto de 1953, o Episcopado Nacional em peso, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tornou a denunciar o Espiritismo. O documento é sobejamente conhecido e já foi por nós comentado no primeiro volume da presente série (*Por que a Igreja condenou o Espiritismo*).

Porta-voz de Deus, a Igreja apenas lembrou aos homens a proibição divina. Vejamos agora as razões que justificam plenamente e até exigem esta interdição rigorosa da evocação dos espíritos.

III. E' NATURALMENTE PREJUDICIAL EVOCAR ESPIRITOS.

1) O Livro Negro da Evocação dos Espíritos.

Deus, Autor da vida e Criador do homem, teve por certo razões graves para proibir com tanta severidade a necromancia e a magia. Quais teriam sido estas razões? O texto sagrado não o diz. Mas assim como pelos frutos se pode conhecer a árvore, do mesmo modo não será difícil descobrir a malícia intrínseca da evocação dos espíritos observando as más conseqüências que desta prática decorrem. Quem examinar atentamente o vasto movimento espírita que atualmente se alastra por esse Brasil; quem se der ao trabalho de ler e estudar as numerosas publicações necromânticas em revistas, jornais e livros espíritas; quem assistir às modernas sessões de necromancia e magia; quem escutar os propagandistas do Espiritismo pelo rádio ou em conferências, verificará facilmente que atrás de tudo isso, direta ou indiretamente, está sem dúvida aquele "inimicus homo", contra o qual nos advertia Cristo (Mt 13, 28), e que se aproveita das sombras da noite e da desprevenção dos homens que dormem para disseminar o erro e a discórdia. O fruto mais funesto do Espiritismo é a apostasia de Cristo e conseqüentemente de Deus. Vítimas do engodo da miragem espírita, milhões de brasileiros e irmãos nossos já estão praticamente separados da Igreja de Cristo. Este aspecto, a principal e mais entristecedora das conseqüências do Espiritismo, já foi por nós explanado e comprovado com muitíssimos documentos nos números anteriores desta série de brochuras "contra a heresia espírita". Não queremos agora tornar a ocupar-nos com ele. Lembremo-lo apenas para dizer que aí está sem dúvida a razão principal porque Deus insistiu tanto na proibição da necromancia. Isso justifica plenamente a iliceidade e mostra

com evidência a malícia intrínseca da prática da evocação dos espíritos.

Pelos frutos se conhece a árvore: por suas consequências estudaremos a liceidade ou iliceidade moral do Espiritismo. Acabamos de lembrar a triste consequência da apostasia. Precisamos assinalar e documentar mais uma consequência, essa de ordem natural: *os efeitos que a diuturna prática da evocação dos espíritos produz sobre a saúde do corpo e da alma dos necromantes*. Confessamos desde logo a nossa incompetência para denunciar estes efeitos. Por isso mesmo tomamos a liberdade de recorrer a homens profissionalmente dedicados a tais estudos. Enviamos a alguns médicos psiquiatras (dos quais conseguimos por acaso o endereço) do Rio de Janeiro a seguinte carta:

I

Petrópolis, 25 de Outubro de 1953.

Prezado e Ilustre Doutor,

Segundo as "Normas de Estatutos para Sociedades Espiritistas", editadas agora, em 1953, pela Federação Espirita Brasileira, os Centros Espiritistas devem realizar sessões "para obtenção dos fenômenos espíritas", que são reguladas nestes termos pelo Art. 2.º § 2: "*O desenvolvimento das faculdades mediúnicas consistirá, principalmente, no aprendizado, para o médium, da Doutrina, em geral, e, em particular, no exercício da concentração, da meditação e da prece, no apuramento da sua sensibilidade, para o efeito de perceber, pela sensação que lhe produzam os fluidos perispiríticos do Espírito que dele se aproxime, de que ordem é este; na aprendizagem da maneira por que se deve comportar o seu próprio Espírito durante a manifestação, tudo mediante o estudo d'"O Livro dos Médiuns" e de outras obras congêneres, estudo sem o qual nenhum médium deverá entregar-se à prática da mediunidade, sobretudo sonambúlica*" (p. 19).

Em vista disso, e considerando a enorme multiplicação entre o povo simples, já por todo o vasto Brasil, de Centros Espiritistas (segundo declarações do chefe da secção de Tóxicos e Mistificações do Rio de Janeiro à "Tribuna da Imprensa" 8 de Abril p. p. há só no Rio 7.000 Centros registrados!), tomo a liberdade de interrogar a opinião de V. S., pedindo-lhe a fineza de, baseado em suas observações e experiências, responder-me aos quesitos que seguem:

1.º E', sob o ponto de vista psicológico e médico, aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades "mediúnicas" e provocar "fenômenos espíritas"?

2.º O médium, ainda mais o "desenvolvido", pode ser considerado tipo normal e são?

3.º Que pensa V. S. da prática popularizada de Centros Espíritas com a supra-indicada e prescrita finalidade?

4.º Que idéia faz V. S. do Espiritismo como fator de loucura e de outras perturbações patológicas e nervosas?

5.º E' conveniente ou até urgente uma medida pública de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas, como nocivos à Saúde Pública?

Peço desde já licença para publicar sua resposta.

Respeitosamente,

Frei Dr. Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Nem todos responderam, coisa muito comum em casos destes, quando se trata de cartas circulares. Publicaremos a seguir o texto integral das respostas recebidas. Completaremos depois nosso documentário com outras declarações semelhantes. No fim daremos uma análise sistemática dos pronunciamentos mais notáveis para a finalidade que temos em vista. Eis aí os textos:

Prof. J. Alves Garcia:

Frei Dr. Boaventura Kloppenburg
Petrópolis

A circular de 25 de Outubro de V. S. veio despertar o meu interesse por tema que já tinha considerado há alguns anos.

Há mais de três lustros observo enfermos mentais de vária índole, alguns dos quais tiveram o seu delírio conformatado ou induzido pela prática do baixo espiritismo. Em geral, trata-se de delirantes alucinatórios crônicos, que após um período de *desenvolvimento* adotam uma concepção mórbida, mística, mediúnica, na qual se percebe a sugestão das práticas dos *terreiros*, outrora suburbanos, e que agora se realizam em pleno centro da Capital da República!

Em certa época, passei a frequentar alguns centros espíritas, a fim de estudar a influência dos exercícios mediúnicos sobre alguns tipos de enfermos mentais. O que vi, não pode ser relatado nesta carta, pois daria para todo um ensaio. O aspecto mais grave, a meu ver, foi a prática ile-

gal da medicina, com receituário epistolar de preparados farmacêuticos de diversos tipos e a doentes em que eles seriam contraindicados.

Passo a responder aos quesitos formulados:

1.º E' sob o ponto de vista psicológico e médico, aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades mediúnicas e provocar fenômenos espíritas? Resposta: Não; o *desenvolvimento* mediúnico exalta qualidades patológicas latentes, sugestiona as pessoas simples, e em doentes mentais precipita a psicose e dá colorido especial aos delírios.

2.º O *médium*, ainda mais o desenvolvido, pode ser considerado tipo normal e são? Resposta: Não; tornam-se médiums autênticos os neuróticos de certa classe, — histéricos e obsessivos, que possuam suficiente sugestibilidade para crer e deixarem-se induzir, e certos dons volitivos, para resistirem às práticas monótonas e exaustivas, ensinamentos e execução do ritual espiritista. Os doentes que tenham uma psicose manifesta ou latente deixam-se identificar como tais, e não levam a termo o *desenvolvimento*; todavia, o seu delírio toma o colorido e a linguagem ou gíria espiritista do candomblé ou macumba.

3.º Que pensa V. S. da prática popularizada de Centros Espíritas com a supra-indicada e prescrita finalidade? Resposta: Acho que ela é nociva e propicia a eclosão de distúrbios psíquicos latentes, e favorece diversos tipos de contravenções, de contágios mentais, infecções, e solapa a verdadeira fé religiosa.

4.º Que idéia faz V. S. do Espiritismo como fator de loucura e de outras perturbações patológicas e nervosas? Resposta: As respostas e comentários já feitos traduzem o que penso do espiritismo, como expressão da patologia social.

5.º E' conveniente ou até urgente uma medida pública de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas, como nocivos à Saúde Pública? Resposta: Sim, esta medida deverá ser precedida de esclarecimentos ao público, em geral, através dos meios ou veículos ordinários, — imprensa, rádio, televisão, cinema, — e neste sentido, deveriam convergir as igrejas ou seitas admitidas pela nossa tradição, no sentido de ensinar, acolher e assistir aos sofredores; em última análise, buscam o espiritismo os que não souberam encontrar a fé, o conforto e o consolo em religiões comuns ao nosso povo. Sem esse esclarecimento, toda profilaxia policial e sanitária contra a proliferação dos centros espíritas seria arguida de anti-democrática e contrária à Constituição, que garante a liberdade de cultos.

E' o que me ocorre dizer sobre o assunto, e pode V. S. fazer uso da resposta, como julgar conveniente.

Cordialmente
(ass.) *Prof. J. Alves Garcia.*

Dr. José Leme Lopes:

20 de Fevereiro de 1954.

Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.
Caixa Postal 23
Petrópolis — R.J.

Em resposta à circular de V. Rma., recebida este mês, venho trazer-lhe meu depoimento ao inquérito nela promovido.

Eu me permitirei fugir aos itens formulados e expor minha experiência no que tange ao espiritismo e suas relações com as doenças mentais numa forma concisa.

Parece-me poder formular as seguintes conclusões:

1) A frequência às sessões espíritas se encontra amiúde entre os fatores predisponentes e desencadeantes das psicoses e das reações psicopatológicas.

2) Sem dúvida o exercício das denominadas faculdades mediúnicas é o principal responsável pela transformação psicológica, que prepara, facilita e faz explodir alguns quadros mentais.

3) A prática pública de sessões espíritas, com manifestações ditas mediúnicas, exerce sobre a maior parte dos assistentes uma intensa tensão emocional e nos predispostos (psicopatas, neuróticos, fronteiriços, desajustados da afetividade) é a oportunidade de desencadeamento de reações que os levam ao pleno terreno patológico.

4) Do ponto de vista de salvaguarda da saúde mental da coletividade, as sessões públicas de mediunidade deveriam ser interditas.

As consequências psicopatológicas da prática do espiritismo são muito mais complexas e não podem ser condensadas numa pequena súpula. Elas merecem ser objeto de uma ampla investigação, levando em conta as diferenças de doutrina e cerimonial. Só em face dessa pesquisa de psicopatologia social poderemos alcançar dados concretos a permitirem avaliar a extensão e a gravidade do problema, bem como traçar as normas para profilaxia de seus efeitos.

Com votos de feliz êxito em seu inquérito, cumprimento-o respeitosamente

(ass.) *Dr. José Leme Lopes.*

Dr. Luís Robalinho Cavalcanti:

Mui Rvdo.

Frei Dr. Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Em resposta à vossa carta circular de 25-10-1953, tenho a responder:

1.º Não é aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades mediúnicas, desde que se trata de fenômenos psico-patológicos prejudiciais ao indivíduo.

2.º O médium, deve ser considerado como uma personalidade anormal, predisposto a enfermidades mentais, ou já portador de psicopatias crônicas ou em evolução.

3.º Prejudiciais à saúde mental da coletividade, retardando o tratamento dos pacientes, que muitas vezes chegam às mãos do médico com enfermidade já cronicada,

4.º Põem em evidência enfermidades mentais pré-existent e desencadeiam reações psico-patológicas em predispostos.

5.º São convenientes medidas que visem evitar a prática de atividades médicas e terapêuticas por se tratar de contração, proibida pelas leis sanitárias, que só reconhecem ao médico com diploma devidamente registrado nos órgãos competentes, o direito de tratar pessoas doentes.

(ass.) *Dr. Luís Robalinho Cavalcanti.*

Dr. Deúsdedit Araújo:

Frei Boaventura Kloppenburg.

Em resposta à circular de V. S., de 25-10-1953, tenho a responder o seguinte:

Ao primeiro quesito: não;

Ao segundo quesito: não;

Ao terceiro quesito: desaconselhável e prejudicial.

Ao quarto quesito: Uma causa frequente de perturbações psicológicas.

Ao quinto quesito: Sim. Considero a prática do Espiritismo um grave problema social no Brasil.

Atenciosamente

(ass.) *Dr. Deúsdedit Araújo.*

Dr. Francisco Franco:

Ao 1.º Desaconselhável porque é danoso para o seu organismo, o médium torna-se um neurastênico, autômato, visionário, abúlico, antecamara à esquizofrenia, um indivíduo perigoso para si e a sociedade.

Ao 2.º Nunca pode ser normal pelas razões expostas acima.

Ao 3.º O espiritismo é uma farsa, portanto nula sua finalidade.

Ao 4.º O espiritismo está colocado em primeiro lugar agindo sobretudo nas mentalidade fracas e particularmente nos suggestionáveis.

Ao 5.º Urgentíssima, pois o espiritismo é o maior fator produtor de insanos que perambulam pelas ruas enquanto grande percentagem enchem os manicômios, casas de saúde; segundo a opinião de abalizados psiquiatras: Austregesilo, Juliano Moreira, Franco da Rocha, Pacheco e Silva, etc. etc.

(ass.) *Dr. Francisco Franco.*

Dr. Floriano Peixoto de Azevedo:

1) Não.

2) E' possível haver médium normal, no sentido de que o individuo instruído na doutrina e prática do Espiritismo atribua a causas extraordinárias fenômenos por ele normalmente percebidos. O chamado médium desenvolvido, na minha opinião, já é um insano.

3) Nociva.

4) Não acredito que o Espiritismo, por si só, gere a loucura; mas penso que favorece muito a aparecimento de condições mórbidas latentes, bem como dá um colorido especial aos doentes mentais que se submetam a estas práticas.

5) Sim, enquanto se tem em vista coibir os excessos nocivos.

Dr. Oswald Morais Andrade:

1) Não.

2) Não.

3) E' prejudicial, principalmente nos meios incultos.

4) E' tese assente em Psiquiatria que o Espiritismo pode agir como fator desencadeante de distúrbios mentais em individuos predispostos.

5) Aprovo uma campanha de esclarecimento da população contra a prática mediúnica.

A importância do assunto e a gravidade da denúncia exigem prudência na formulação e firmeza na base. Antes de formularmos nossas conclusões, que servirão de fundamento para declarar naturalmente ilícita e imoral a evocação dos

espíritos, ajuntemos outros depoimentos de homens de ciência, competência e responsabilidade:

II

O Dr. João Teixeira Alvares publicou em seu livro *O Espiritismo* (Uberaba, 1914) nas pp. 122-125, vários pareceres de eminentes professores e psiquiatras, aos quais ele fizera estas duas perguntas:

1) Que idéia faz V. S. do Espiritismo como fator da loucura e outras perturbações nervosas?

2) O médium, principalmente o vidente, pode ser considerado um tipo normal?

Responderam:

Dr. Franco da Rocha:

Recebi sua carta e respondo aos seus quesitos:

1) A idéia que faço sobre o Espiritismo como causa da loucura, está expressa na pág. 32 do *Esboço de Psiquiatria Forense*, que há anos publiquei.

2) O médium vidente, na minha opinião, não é um tipo normal, é quase sempre um desequilibrado. Devo dizer-lhe que eu, pelo menos, nunca vi um médium que fosse indivíduo normal. Pode ser que exista; eu, porém, não o vi ainda.

Do amigo obr. cro.

Franco da Rocha.

Nota: Na p. 32 do indicado livro escreveu o Dr. Franco da Rocha: "A propósito das reuniões espíritas, num trabalho recente escreveram Sollier e Boissier: "Em benefício da profilaxia seria de conveniência divulgar os acidentes causados pela frequência às sessões espíritas. Charcot, Forrel, Vigoroux, Henneberg e outros publicaram exemplos de pessoas, sobretudo moças, anteriormente sãs, que se tornaram histéreo-epilépticas, em consequência de terem tomado parte nas cenas de evocação dos espíritos. E' o resultado forçado destas práticas que constitui um preparo intensivo de automatismo, um exercício metódico para o desdobramento e desgregação da personalidade. Aqui fazem explodir ou agravam a nevrose, acolá despertam e sistematizam a tendência à Vesânia, que uma vida regular e bem dirigida teria abafado. Tais são os perigos que devem ser conhecidos, mesmo dos que, sem outra convicção, nada mais vêem nesta operação que simples divertimentos de reuniões" (*Arch. de Neurol.* 1914. Veja-se n. 103).

Dr. Juliano Moreira:

Quanto aos quesitos que formulou, respondo:

1) Tenho visto muitos casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente despertadas por sessões espíritas. No Hospital Nacional, não raro, vêm ter tais casos.

2) Até hoje ainda não tive a fortuna de ver um médium, principalmente os chamados videntes, que não fosse nevroptata.

Julgando assim responder aos seus quesitos, aqui continuo ao seu dispor.

Colega e amigo

Juliano Moreira.

Dr. Joaquim Dutra:

No estudo aprofundado da etiologia das moléstias mentais verifica-se, na grande maioria dos casos, que a moléstia é devida, não a uma causa única e específica, mas a uma série de condições especiais, que preparam o terreno e, por uma ação conjunta, determinam a explosão da moléstia.

As práticas religiosas exageradas, despertando sempre grande emotividade, traduzem de per si um estado mental originariamente defeituoso, e assim é que esses exageros manifestam-se comumente entre os indivíduos de espírito pusilânime, de espírito fraco. São muitas vezes síndromas mórbidos, de sorte que uma observação menos detida ou superficial pode dar lugar a que se tome o efeito pela causa e vice-versa.

As práticas espíritas estão incluídas, e com certa proeminência, entre essas causas e efeitos, influindo diretamente, pelas perturbações emotivas, com um coeficiente avolumado para a população dos manicômios.

Exageradas, até se tornarem preocupação dominante, elas preparam a loucura, quando não são mesmo uma denúncia da sua existência.

Por impressionáveis, tais práticas concorrem para a alucinação, determinando emoções que acarretam perturbações vaso-motoras ou que provocam concentração psíquica, estados de abstração, perturbações graves nas funções vegetativas, alterações nas secreções internas, redundando tudo em auto-intoxicação, etc.

Deixo, linhas acima, o meu pensar em resumidíssima síntese.

Saudações do

J. Dutra.

Dr. Homem de Mello:

Eis o que penso a respeito e com toda a lealdade respondo:

Ao 1.º quesito: Considero o Espiritismo, como o praticam, um grande fator de perturbações mentais e nervosas; atualmente o Espiritismo concorre com a herança, com a sífilis e com o álcool no fornecimento dos Hospícios e casas de saúde; acho tão forte o seu contingente que a Lei devia tolher-lhe a marcha.

Ao 2.º quesito: O médium é um tipo anormal, um degenerado; pouco importa que o seja *superior* (na classificação de Magaam) a vista de faculdades intelectuais que fascinam; mas, após minuciosa observação, encontramos essas faculdades eminentes em discordância com as faculdades morais, a par de uma completa desigualdade de caráter, que muito o destacam como um desequilibrado.

Colega admirador

Homem de Mello.

Prof. Dr. A. Austregésilo:

Em resposta a sua carta e aos seus quesitos acerca do Espiritismo tenho a dizer-lhe:

Ao 1.º O Espiritismo é no Rio de Janeiro uma das causas predisponentes mais comuns da loucura.

2.º Os médiuns devem ser considerados indivíduos nevropatas próximos da histeria.

O Espiritismo é uma nevrose provocada pela fácil autosugestibilidade, em que há predominância das alucinações psico-sensoriais, sendo, não raro, histeria ou um estado histeróide.

Fica ao seu dispor o colega atento e amigo

A. Austregésilo.

III

Em 1926 *O Jornal*, do Rio de Janeiro, promoveu um inquérito em forma de entrevistas. Nesta ocasião foram perguntados também dois eminentes Professores, que assim se exprimiram:

Dr. Henrique Roxo:

O Espiritismo é, pode-se dizer sem exagero, uma verdadeira fábrica de loucos. Entre os dementes que, diária-

mente, dão entrada no Hospício, grande parte — a maioria mesmo — vem de centros espíritas.

Compreende-se, porém, que eu não digo que o Espiritismo possa, sozinho, perturbar o cérebro de um indivíduo normal e são. Afirmando, todavia, graças à experiência que posso, que ele é um agente provocador de delírios perigosíssimos, quando praticado, como o é vulgarmente, por pessoas de pouca cultura. É fácil imaginar, de resto, o efeito que deve ter num espírito já naturalmente fraco... É claro que esse efeito só é tão forte e decisivo nos indivíduos já predispostos; em todo caso, não me parece menos claro, também, que, se esse estimulante indesejável não se fizesse sentir, talvez a demência, em tais indivíduos, jamais se manifestasse, ou então demoraria a se manifestar. O Espiritismo, portanto, é uma fábrica de loucos, sendo, desse modo, nefasto" (*O Jornal*, 12-3-1926).

Dr. Juliano Moreira:

Tem razão o Dr. Henrique Roxo quando diz que o Espiritismo por aí praticado é uma verdadeira fábrica de loucos. Realmente, é grande o número de doentes, procedentes de centros espíritas, que vão bater à porta do Hospício Nacional de Alienados.

É claro, entretanto, que o Espiritismo não é, por si só, capaz de produzir a desordem num espírito são e equilibrado... A prática do Espiritismo, por conseguinte, está muito longe de ser inofensiva, conforme se apregoa geralmente" (*O Jornal*, 25-3-1926).

IV

A Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Rio de Janeiro, por iniciativa de Leonídio Ribeiro promoveu, porém, o mais autorizado inquérito e que foi publicado no livro *O Espiritismo no Brasil*, contribuição ao seu estudo clínico-legal, Ed. Nacional, 1931. Reproduzimos aqui apenas as respostas dadas a estas duas perguntas:

3.º A prática do Espiritismo pode trazer danos à saúde mental do indivíduo?

4.º O exercício abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta perigos para a saúde pública?

Arquivemos as respostas:

Dr. Antônio Austregésilo, catedrático de clínica neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

3.º Sim. Estou convencido que as práticas espíritas têm produzido em predispostos verdadeiras psicoses e agravado muitos estados mentais já iniciados por pequenos distúrbios psíquicos.

4.º Sim. Os prejuízos são resultantes dos erros por omissão ou comissão, não só atinentes aos indivíduos como à coletividade.

Dr. Henrique Roxo, catedrático da clínica psiquiátrica da mesma Faculdade:

3.º O número de alienados, em que as perturbações mentais surgiram em consequência de frequências de práticas espíritas não tem diminuído, e sim, pelo contrário, aumentado.

4.º Finalmente, ao último quesito respondo: o exercício da arte de curar pelo Espiritismo acarreta prejuízos para a Saúde Pública.

Dr. Espozel, substituto de clínica psiquiátrica e neurológica da mesma Faculdade:

3.º A influência da prática do Espiritismo na produção de distúrbios mentais é incontestável; basta uma pequena vida clínica na especialidade para se ter ocasião de observar numerosos casos, em que as perturbações psíquicas giram em torno dos fatos ocorridos nas sessões espíritas. Tenho trabalhado no Hospício de Alienados durante mais de 15 anos, como interno, assistente e alienista, nas casas de saúde, numa das quais, o Sanatório de Botafogo, tenho um pavilhão a meu cargo, e na clínica privada, tenho observado muitos casos de influência maléfica da prática espírita. É certo que os pacientes são muitas vezes débeis mentais, tarados, predispostos; fora essa condição de terreno, nenhuma outra causa, porém, se poderia invocar. Em outros pacientes nem mesmo o terreno era acentuadamente fértil para que vicejasse herva tão daninha. Compreende-se a força sugestiva, a impressão que sobre certas pessoas exerce a prática tão propícia a dar motivo a que o cérebro trabalhe iterativamente, rumine umas tantas idéias de um ocultismo misterioso, ou de ocorrências sobrenaturais. Daí para a loucura é um passo. Manifestações histéricas, alucinações da vista, do ouvido e mesmo da sensibilidade geral, delírios polimorfos, sistematizados ou não, delírios episódicos, e outros estados de excitação e às vezes de

agitação fortíssima, tudo pode ser despertado sob a influência de impressões da natureza da que estamos aludindo.

Outras vezes uma doença definida toma um colorido particular que lhe dá a influência da prática espírita, em torno de cujos fatos se constituem as idéias delirantes ou as perturbações alucinatórias e outras. Conheço pessoas que, de boa fé, procuram estudar ou acreditam nesses fenômenos. Preciso é que elas se precavenham contra a forte influência sugestiva ou contra os *trucs*...

Assim sendo, repito, considero a prática espírita possível de produzir desarranjos mentais, maximé nas pessoas predispostas, as quais devem evitá-la por perigosa.

4.º Incontestavelmente.

Prof. Tanner de Abreu, catedrático de medicina legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

3.º Sim. Basta compulsar os registros de nosso Hospital Nacional de Psicopatas, para ter a segurança de que não raro figura como elemento etiológico das doenças mentais a prática do Espiritismo pela comparência às respectivas sessões.

4.º Sim. A esse respeito convém lembrar a omissão do tratamento conveniente, e o não cumprimento da disposição regulamentar, que impõe o dever de notificação compulsória de determinadas doenças transmissíveis.

Prof. Júlio Porto Carrero, catedrático de medicina pública da Faculdade de Direito da Universidade do Rio:

3.º Assim, Espiritismo e neurose têm o mesmo caminho e encontram-se, é bem de ver, ora no começo, ora no fim do trajeto. Os hospitais de psicopatas estão repletos desses casos; e em semiótica psiquiátrica é de regra, hoje, a pesquisa de antecedentes espíritos.

4.º Os prejuízos que o Espiritismo traz à Saúde Pública são evidentes. Primeiro, metem-se os espíritas a curandeiros, criando ambulatórios e hospitais, onde tratam os psicopatas a pancadas (vejam-se as publicações do próprio "Centro Redentor"), e onde medicam pela homeopatia, — terapêutica nem sempre inócua. Com isso, prejudicam ao doente, agindo sem conhecimento da causa, com medicação insuficiente ou contra-indicada, e cultivando a tendência perniciosa para o maravilhoso.

Prof. João Fróes, catedrático de medicina pública da Faculdade de Direito da Bahia:

3.º Certamente a prática do Espiritismo pode trazer e tem produzido danos à saúde mental dos adeptos e frequentadores de sessões chamadas espiritistas.

4.º Não há possível dúvida em afirmar que o exercício abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta prejuízos à Saúde Pública.

Prof. Carlos Seidl, catedrático de medicina pública da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro:

Friso, entretanto, que opino serem condenáveis as práticas que se realizam nas sessões espíritas, com pretensos fins terapêuticos, e as feitas para as chamadas evocações. A minha qualidade de católico não admite estas; e os meus estudos médicos desaconselham aquelas.

Prof. Raul Leitão da Cunha, catedrático de anatomia patológica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio:

3.º Sim, e tão grandes, a meu ver, que julgo indispensável e urgente que se estabeleçam leis que regulem esse caso.

4.º Inquestionavelmente, pois o caráter misterioso, que tem esse exercício, dificulta a aplicação das medidas profiláticas, facultando o entretenimento das endêmias e a difusão das epidemias.

Dr. Franco da Rocha, ex-diretor do Hospício do Juqueri, São Paulo:

3.º No indivíduo normal, equilibrado, tais práticas não produzem dano. Aos desequilibrados, nas classes de mentalidade inferior, pode trazer dano, pois que não sabem interpretar as coisas como as pessoas equilibradas e as de mentalidade superior... A prática do Espiritismo, entre gente de baixa mentalidade, é realmente um grande mal.

4.º Acho que sim, como em geral a prática do curandeirismo, quer seja espírita quer não... Vi muitos doentes mentais, cuja afecção explodiu logo depois das práticas do Espiritismo. Mas não se deve atribuir exclusivamente ao Espiritismo o mal que se tem observado.

Dr. Pacheco e Silva, diretor do Hospício de Juqueri, São Paulo:

3.º Sim. Acredito que o Espiritismo exerça influência sobre a saúde mental do indivíduo. Esta é também a opi-

nião do meu eminente mestre e antecessor, Franco da Rocha, que, a respeito, escreveu vários trabalhos.

4.º No meu entender, é uma prática perniciosíssima, que deverá ser combatida a todo transe, por isso que, sobre prejudicar a Saúde Pública, contribui para a ruína de muitos lares e dá margem a explorações as mais ignóbeis.

Dr. Pernambuco Filho, docente de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

3.º E' evidente. Todos aqueles que se dedicam ao estudo de doenças mentais, têm observado inúmeros casos de desordens psíquicas produzidas pela prática do Espiritismo. A atmosfera de mistério que cerca as práticas espíritas, a promessa aos fiéis tumulto e de visões sobrenaturais, etc., estabelecem um ambiente favorável a despertar nos indivíduos predispostos e sugestionáveis a eclosão de distúrbios mentais, verdadeiros episódios delirantes, acompanhados de perturbações psiquo-sensoriais. Além disto, convém ainda ponderar que na mór parte das vezes os indivíduos procuram o Espiritismo a fim de ou se pôr em contacto com um ente desaparecido e de cuja morte ainda não se consolaram ou para buscar alívio sobrenatural para doença rebelde ou incurável. Assim sendo, é lógico que estas pessoas abaladas na afetividade e no sentimento, estejam em estado de hiper-emotividade, em condições, portanto, de meiorpragia psíquica, e propensas a aceitar sem análise, como verdade, os fenômenos proclamados como de natureza espírita. Sob o ponto de vista psiquiátrico, há ainda a acrescentar os indivíduos que já nos primórdios de afecção mental, agravam as suas manifestações ou mudam o feitio do seu delírio, com a frequência das sessões espíritas.

4.º Sim. Os prejuízos vem não só da deficiência ou erro de tratamento, como também pela falta de notificação de doenças contagiosas, o que, sob o ponto de vista profilático, é um grande mal.

Dr. Miguel Osório de Almeida, professor da Faculdade de Medicina:

A intervenção do Espiritismo no tratamento de qualquer nevrose é sempre prejudicial... O espiritismo é, pode-se dizer sem exagero, uma verdadeira fábrica de loucos. Entre os dementes que diariamente dão entrada no Hospício, a maioria vem dos centros espíritas.

O Prof. Afrânio Peixoto, no prefácio do mencionado livro do Dr. Leonídio Ribeiro, dá o seu depoimento pessoal nas seguintes palavras:

Este livro vale por uma boa ação. Com efeito, é pertinente e oportuna uma lição médica sobre os prejuízos do Espiritismo, ou do que tem este nome entre nós. Digo entre nós porque não tenho experiência de outras terras.

O Espiritismo é a interpretação sistemática e sobrenatural de fatos naturais uns, outros fraudulentos, fraude subconsciente e, portanto, inconsciente às vezes, outras perfeitamente consciente, mais ou menos hábil, capaz de imbuir aos estudiosos mais prevenidos. Nos médiuns sinceros há realidade e fraude subconsciente, pois que a mediunidade é uma auto-hipnotização, sob as tendências crentes da vigília. Nos grandes médiuns celebrados, por exemplo Eusápia Paladino, há "sinceridade", subconsciente, e há esperança, consciente, visando atrair para a causa, de que são conviçtos, grandes observadores e experimentadores, como os Lombroso e os Richet.

O baixo espiritismo tem apenas, por diferença, as graduações da cultura e da moralidade. Tive de travar conhecimento com ele, exatamente em um caso de atentado ao pudor, que os autores deste livro me desvaneceram em referir. Depois, assisti, por curiosidade científica, a sessões espíritas em vários meios sociais. O mesmo fundo, a mesma metodologia, os mesmos resultados, apenas variações da grosseria e das maneiras, indo de um lado até o crime, do outro lado até as paródias, "à la manière de...", de Vítor Hugo ou de Castro Alves, e às sublimações ideológicas em que a utopia evolucionista sideral se mistura à doutrina cristã, quase ortodoxa.

Fiéis ou curiosos se reúnem sob silêncio e respeito, com algum ou alguns médiuns já experimentados, e um diretor de cena, que exorta à contrição (*fixação da atenção*); depois ordena que pensem em Deus e nos "espíritos" (*monoideação*), convidando aos de má fé a se retirarem sob pena de punições espirituais (*sugestão, coação moral*). Vem então longa prédica, insistida, sobre os lugares comuns da moral e da crença, mais ou menos culto discurso, conforme o meio social, mas sempre longo, e, por fim, fastidioso (*fadiga da atenção*). Finalmente, invocação dos "espíritos", ponto de partida para uma sugestão coletiva, que produz efeito imediato nos médiuns, e, não raro, suscita novos médiuns, na assistência. Uns gesticulam, outros cantam, choram, tomam atitudes plásticas e, não raro, os mais

suscetíveis entram em convulsões (*histeria*). Desses médiuns obtem-se respostas, conselhos, revelações, receitas homeopáticas, pensamentos de homens notáveis e até poesias ao jeito ou no estilo de grandes poetas. Tive em mãos todo um volume de "Castro Alves": a morte o tornara decadente; era o poeta sim, muitas oitavas abaixo do seu gênio... Os melhores médiuns o mais que conseguem são os tons parecidos, porém inferiores: sub-grandes homens, quando tornados puros espíritos...

De minha observação concluí que os centros espíritas do Rio de Janeiro eram laboratórios de *histeria* coletiva que, se delectam crédulos e crentes com a suposta evidência das belas sessões, podem ir ao crime, no baixo espiritismo popular. Ao crime, e ao hospício, outras vezes. Também tenho experiência de alienista.

Ora, o poder público não pode ser indiferente à ruína nervosa, senão à alienação daqueles sobre os quais lhe é missão velar, os inocentes, incautos, crédulos, que desses espetáculos e dessas sugestões podem ser vítimas. Fraudar e imbuir na economia, no alimento corporal, nos bens temporais, é crime, para o qual há a punição, e mais, há a polícia preventiva. Porque não proteger a saúde espiritual, a segurança e a tranquilidade da mente, que pode ser vítima dessas abusões?

VI

O Dr. Xavier de Oliveira, docente de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro e médico do Hospital Nacional de Psicopatas, que observou mais de dezoito mil loucos no Pavilhão de Assistência a Psicopatas, publicou um livro com o título de *Espiritismo e Loucura*, contribuição ao estudo do fator religioso em Psiquiatria (Rio 1931). Respiremos apenas algumas observações e conclusões do autor:

Na p. 15, falando da proporção que agora cabe ao Espiritismo "como fator mediato de alienação mental de feição puramente religiosa", diz que "é, de muito, muitíssimo, cem vezes, mil vezes superior à de todas as outras seitas reunidas, e, atualmente, praticadas em todo o mundo".

Na p. 19 s. resume seus estudos: "Numa estatística de doze anos, de 1917 a 1928 por nós levantada no Pavilhão de Observações, registramos em 18.281 insanos entrados, 1.723 portadores de psicopatologias provocadas, *exclusivamente*, pela prática do Espiritismo, em indivíduos meiopráticos do sistema nervoso. É dizer que, no correr desse tem-

po, o Espiritismo concorreu, ali, com uma proporção de 9,4% no total das entradas. De onde se vê que, depois da sífilis e do álcool, é o Espiritismo, nesta atualidade, o maior fator de alienação mental entre nós". Chamamos a atenção para o "exclusivamente", por nós grifado. No texto paralelo da p. 197 o autor diz que estas pessoas enlouqueceram "só e exclusivamente pelo Espiritismo".

Por isso, como ele revela na p. 193, "no Pavilhão de Observações da Assistência a Psicopatas, como em todas as secções do velho hospital da Praia da Saudade, uma nova pergunta foi, naturalmente, introduzida no questionário da anamnese que ali se faz, quotidianamente, dos enfermos entrados:

— Qual o "Centro Espírita" que frequenta?...

Em cerca de 90% dos casos a resposta é afirmativa".

Na p. 21 o autor denomina este "delírio espírita" de *Espiritopatia*, palavra que ele vai definir na p. 202 da seguinte maneira: "Espiritopatia é um síndrome mental de forma delirante, com motivos espíritas, que se observa, geralmente, enxertado em indivíduos tarados do sistema nervoso, nomeadamente, da classe dos histeróides, esquizóides, ou, antes dos histéreo-equizóides, e que se dão ao estudo, à crença ou à prática do Espiritismo".

p. 203 continua: "Em sua última roupagem, a espiritopatia apresenta-se, comumente, sob a forma de um delírio agudo, termo final de uma evolução que começa pela *Espiritolatria* (afetividade positiva, a procura, a busca, o anseio pelo espírito desencarnado), vai à *Espiritofobia* (o receio, o medo, a fuga do espírito reencarnado), e chega à *Espiritomania* (o desabafo na doença, súcubo vencido pelo incubo, atuado, perseguido, dominado pela força de uma sugestão insopitável)".

Gravíssima acusação faz o autor na p. 211 s. contra *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec: "O livro dos médiuns de Allan Kardec é a cocaina dos debilitados nervosos que se dão à prática do Espiritismo. E com uma agravante a mais: é barato, está ao alcance de todos, e, por isso mesmo, leva mais gente, muito mais, aos hospícios, do que a "poeira do diabo", a "coca maravilhosa", que há tanto tempo vem preocupando a ciência, a polícia, e, até, a Liga das Nações. E' o tóxico com que envenenam, todos os dias, os débeis mentais, futuros hóspedes dos asilos de insanos. Lêem-no, assimilam-no, incluem a essência diabólica de que é composto, caldeiam os conhecimentos nele adquiridos nas sessões espíritas, e com o delírio mediúnicó que, geralmente, vêm a entreter esses tarados, só têm dois

caminhos a seguir: ou mais um médium convicto e convincente ganham as macumbas do Rio, ou mais um psicopata ganham os manicômios desta Capital”.

VII

No *Manual de Psychiatria* o Dr. Henrique de Brito Belford Roxo (“Professor catedrático da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Diretor do Instituto de Psicopatologia da Assistência a Alienados, etc.”), 3ª ed., pp. 741-757, sob o expressivo título “Delírio Espírita Episódico”, estuda os maus efeitos da prática da evocação dos espíritos entre nós. Transcreveremos a seguir as passagens principais:

Delírio espírita episódico é o nome que dou a uma modalidade clínica de doença mental que se encontra com relativa frequência nos asilos de alienados... É uma modalidade dos estados atípicos de degeneração (personalidades psicopáticas)... Como delírio episódico entendo uma doença mental que se caracteriza por um delírio que surge de repente em consequência de um choque emotivo, o qual se fundamenta em alucinação e é pouco duradouro, tendo, no entanto, a capacidade de se repetir com relativa facilidade

Comumente se desenvolve pela frequência de sessões de Espiritismo... É o Espiritismo de pessoas sem instrução que acreditam facilmente em coisas absurdas. São pessoas que têm algum sofrimento físico ou moral e que em vez de procurarem a cura por meio de um médico ou de um sacerdote, vão procurar a sessão de Espiritismo para a cura de seus males. Há muitos casos no Rio de Janeiro e em todo o resto do Brasil.

Em geral trata-se de um homem astucioso que explora os pobres crentes. Há um intermediário, é o *médium*, frequentemente uma histérica ou alguma psicopata. Ele procura convencer aquela pessoa que a ele recorre de que o sofrimento que ela tem, é o efeito da ação de uma pessoa já falecida, transformada em *espírito* que se introduziu no corpo do doente que o possui e o tortura.

Outras vezes o espírito se coloca ao lado do doente, dá-lhe aquilo que na linguagem deles se chama um *encosto*.

Demonstra ao que vai procurar seu tratamento, que seus sofrimentos não dependem de doenças dos órgãos, mas unicamente desta influência estranha e nociva.

O pseudo-curador diz que o paciente aborreceu uma pessoa já morta que se vingava, tomando conta dele e o martirizando.

As sessões são muito frequentadas. Muitas pessoas se reúnem em uma sala pequena. O *médium* fica no meio. O chefe, ao lado do *médium*. Aquele sugestiona este e lhe diz que invoque um espírito conhecido. O *médium* se põe a tremer, solta grandes gritos, salta, agita-se muito...

Neste momento são interrogados os consulentes e cada qual diz seu sofrimento físico ou moral. Coisa interessante é que o espírito só receita remédios de homeopatia, o que contraria muito os médicos homeopatas. Os medicamentos devem ser comprados numa farmácia sempre a mesma, que paga ao pseudo-curador, além do que ele recebe do consulente.

Muitas vezes é uma causa moral e procura-se um bom espírito que possa destruir o mau espírito. Há tratamentos mais ou menos caros. Depende o preço do esforço para retirar o mau espírito.

As sessões finalizam sempre com crises de nervos e um estado geral de excitação mais ou menos intenso.

Quando o doente chega de volta à casa, vem muito impressionado. Pensa muito no que viu. Mais tarde, principalmente no meio da noite, começa a ouvir vozes de pessoas mortas que lhe dirigem muitos insultos e ameaças. Sente distúrbios da cenestesia, isto é, distúrbios da sensibilidade interna que lhe dão a convicção de ter sido atuado pelos espíritos.

Não pode mais dormir. Fica com um medo extraordinário. Sua agitação fá-lo soltar grandes gritos e fazer grandes movimentos. Há sempre alucinações do ouvido e da cenestesia.

O delírio depende diretamente das alucinações e estas aparecem de repente, depois da visita à sessão de Espiritismo. É evidente que há pessoas que visitam as casas de Espiritismo e que não ficam loucas. Há sempre uma questão de meopraxia. Mas aquilo que se encontra muitas vezes, é a impressionabilidade e o delírio. Uma coisa a discutir é se estas pessoas já não eram doentes mentais antes da sessão. Não, absolutamente. Não apresentavam antes qualquer perturbação mental. Há certamente delírios episódicos que não têm como causa o Espiritismo. Mas no nosso povo este motivo é muitíssimo comum como causa do delírio (741-743).

Algumas vezes há uma questão de contágio mental e numa casa muitas pessoas passam o delírio de uma para outra.

No delírio episódico há principalmente alucinações do ouvido e da cenestesia. O indivíduo que frequentou sessão espírita, por exemplo, já receioso e assustado, começa de repente a ouvir e sentir coisas estranhas.

Desde logo ele acredita na realidade do fato alucinatório. Fica inteiramente dominado por ele.

Como são coisas que apavoram, torna-se-lhe impossível manter a tranquilidade. O delírio mantém-se mais ou menos encadeado. Pode haver alucinações da vista, do olfato, do gosto, mas isto não é muito comum.

Na quase unanimidade dos casos há muitas alucinações do ouvido e da cenestesia e apenas estas.

A lucidez mental em relação a tudo mais é quase sempre normal; no entanto, algumas vezes associa-se um estado confusional, mais ou menos acentuado. Quando se consegue afastar o doente do campo de suas alucinações, ele responde certo às perguntas que se lhe façam. O estado alucinatório que domina o doente, impede que ele durma bem e influi poderosamente no seu estado emótico...

Discute-se se a pessoa que ficou alienada pelo Espiritismo, já não era antes uma doente mental. Argumenta-se com o fato de haver muita gente que frequenta sessão espírita e não fica alienada. Há evidentemente um estado de meoprágia mental que faz com que o indivíduo seja muito impressionável e delire com facilidade. Muito comumente, a não ser este estado meiprágico, nada houve anteriormente. Raramente o indivíduo era alienado antes do Espiritismo (744 s).

VIII

O Dr. A.C. Pacheco e Silva, que, como Diretor do grande hospital de alienados em Juqueri (SP), teve larga oportunidade de estudar as consequências da prática da evocação dos espíritos, publicou em suas *Palavras de Psiquiatra* (São Paulo 1950) nas pp. 147 ss, um interessante capítulo sobre "A higiene mental e o Espiritismo".

Transladamos para estas páginas a primeira parte deste capítulo:

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do Espiritismo se exerça com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um sem número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema.

Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espíritas, atraindo um número imenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no

Espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para a realização de aspirações afetivas, para salvar uniões ameaçadas, para restituir a saúde a doentes incuráveis e ainda para rever entes queridos já mortos.

Não se diga que o fenômeno é essencialmente brasileiro, pois que em todos os países do mundo se têm registrado idênticas manifestações, mas o que se não pode negar é que, entre nós, a tolerância dos nossos códigos, a benevolência das nossas autoridades e a existência de uma massa considerável de iletrados são fatores os quais, indiscutivelmente, contribuem para incrementar a difusão do Espiritismo.

O que mais surpreende é o fato de pessoas de certa categoria social, de instrução secundária e até superior, participarem dessas atividades perniciosas e condenáveis.

Em São Paulo, por exemplo, há bem pouco tempo o surto espírita atingiu um desenvolvimento jamais anteriormente alcançado, tolerado e até incentivado por pessoas às quais assistia o dever de impedir tais atividades e proteger o público ignorante contra semelhantes atentados à saúde psíquica.

Já de longa data vêm os psiquiatras brasileiros, preocupados com o aumento das psicopatias entre nós, e capacitados de que o Espiritismo representa papel preponderante na gênese das doenças mentais ocorridas em nosso meio, procurando esclarecer o público, demonstrando os perigos a que se expõem todos aqueles que frequentam sessões espíritas, sobretudo quando possuidores de certa meiotragia nervosa.

Se em numerosos casos os distúrbios mentais decorrem de fatores mecânicos, tóxicos e infecciosos, não é menos verdadeira a influência dos chamados fatores psicogênicos, que agem particularmente sobre os indivíduos portadores de constituição hiperemotiva, de sistema nervoso vulnerável, que se deixam facilmente suggestionar.

Já o professor Franco da Rocha, ao assumir a direção do velho hospício de São Paulo, em fins do século passado, surpreendeu-se com o grande número de doentes que eram internados no hospital por ele dirigido, cujas primeiras desordens mentais coincidiram com a frequência a sessões espíritas. A esse respeito, o antigo diretor do Hospital de Iguari, em publicações periódicas, esclareceu o público sobre os fatos por ele observados, pedindo providências às nossas autoridades.

Franco da Rocha, a propósito de um fato que teve então grande repercussão, ocorrido na cidade de Taubaté, escreveu: "Tratando-se de nevropatas, predispostos, reunidos em

uma sala a meia claridade, tudo em silêncio, num estado emocional intenso, não há que admirar nas consequências. O estado de emoção, a excitação geral e as modificações circulatórias provocam, principalmente nas mulheres, os ataques histéricos, e as desordens vão mesmo além, à perda completa da razão, como aconteceu em Taubaté e tem acontecido em outros lugares.

Até mesmo um caso de morte foi há pouco observado no Rio de Janeiro e deu-se como morte por traumatismo psíquico. Não é isso linguagem figurada, como pode parecer, porque uma emoção violenta pode produzir o efeito de uma grande pancada; e a linguagem popular já consagrou um termo — sofrer um golpe — para os sofrimentos intensos de ordem moral”.

Em regra, a observação dos psiquiatras demonstra que o espiritismo age sobretudo como concausa, agravando uma psicose já existente ou despertando o aparecimento de distúrbios mentais latentes numa pessoa dotada de constituição psicopática.

O professor Henrique Roxo, entretanto, criou uma entidade nosológica por ele denominada “delírio espírita episódico”, que se encontra com relativa frequência nos hospitais psicopáticos do Rio de Janeiro. Segundo o eminente professor de Clínica Psiquiátrica da Universidade do Brasil, tal forma clínica surge após a frequência de sessões de baixo espiritismo, durante as quais o paciente fica extremamente impressionado com o estado de excitação psicomotora dos presentes, que não raro caem em crises convulsivas do tipo histérico. Sugestionado pelos quadros observados, o paciente entra a cogitar sobre a possibilidade de estar sob a ação do espírito de uma pessoa já morta e começa a perceber vários distúrbios da sensibilidade profunda, que um estado de grande emotividade ainda mais agrava. Surgem depois alucinações de caráter auditivo e finalmente as idéias delirantes, sobretudo persecutórias. Tais delírios espíritas episódicos são muito mais comuns nas classes populares do que nos outros meios do Rio de Janeiro e seriam também mais frequentes no Brasil do que na Europa, o que se explicaria pelo grande número de doentes de raça negra, que revelam maior credulidade e mais fácil sugestibilidade.

A nossa observação pessoal tem demonstrado o fato de muitos doentes mentais ficarem privados de tratamento adequado e terem mesmo os seus distúrbios agravados em virtude do falso conceito das famílias no tocante às causas das doenças mentais. Não raro, quando um doente apresenta idéias delirantes ou tem propósitos disparatados é logo levado pelos parentes às sessões espíritas, com o objetivo

de libertar o paciente do mau espírito que nele se encarnou, gerando os distúrbios apresentados.

No exercício de mais de vinte anos de clínica psiquiátrica em nosso meio, temos observado um sem número de débeis mentais sugestionáveis e crédulos, incapazes de um juízo crítico severo, apresentarem surtos delirantes após presenciarem sessões espíritas ou delas participarem ativamente.

Casos há, também, de indivíduos dotados de constituição hiperemotiva, esquisóide, histérica ou mitomaniaca, que, embora dessem anteriormente demonstrações de certa anormalidade na conduta, ainda se revelavam compatíveis com o meio social, os quais, após se entregarem ao espiritismo, se tornaram francamente alienados, exigindo imediata internação, em virtude do aparecimento de desordens sensoriais seguidas de atos mórbidos de grande perigosidade.

Outras vezes trata-se de um doente mental atacado de uma psicose orgânica, como por exemplo a paralisia geral, que é submetido ao chamado tratamento espírita por meio de passes e outras artimanhas. Só tempos depois, quando a moléstia já é irremediável, em virtude da sua marcha progressiva e rápida, é o paciente confiado aos cuidados do médico especialista, que já nada mais pode fazer.

2) Análise Sistemática da Documentação.

Os numerosos depoimentos que acabamos de apresentar e que constituem um verdadeiro Livro Negro da prática da evocação dos espíritos, embora cada um deles seja suficientemente claro em si, nos convidam a ressaltar alguns pontos de especial importância:

1) Existe impressionante unanimidade entre médicos psiquiatras, professores de psiquiatria, diretores de hospícios, etc., em denunciar a prática da evocação dos espíritos como nociva, prejudicial, desaconselhável, perigosa, perniciosíssima, etc.

2) Há também unanimidade moral em ver na prática do Espiritismo um poderoso fator de loucuras. Neste sentido os depoimentos são realmente notáveis:

- é o maior fator produtor de insanos (F. Franco);
- é um grande fator de perturbações mentais e nervosas (H. de Mello);
- é uma das causas predisponentes mais comuns da loucura (A. Austregésilo);

- é uma verdadeira fábrica de loucos (H. Roxo, J. Moreira, M.O. de Almeida);
- é um agente provocador de delírios perigosíssimos (H. Roxo);
- as práticas espíritas avolumam proeminentemente a população dos manicômios (J. Dutra);
- é grande o número de doentes, procedentes dos centros espíritas, que vão bater à porta do Hospício Nacional de Alienados (J. Moreira);
- entre os dementes que diàriamente dão entrada no hospício, a maioria vem dos centros espíritas (H. Roxo, M.O. de Almeida);
- os hospitais de psicopatas estão repletos desses casos (Porto Carrero).

3) Mas não há unanimidade na questão se a prática do Espiritismo apenas desencadeia distúrbios mentais já latentes e em indivíduos predispostos à loucura, ou se também deve ser considerada como fator que por si só é capaz de provocar reações psico-patológicas em indivíduos perfeitamente sãos. Nem todos se pronunciaram sobre esta questão. Mas todos concordam em dizer que a sessão espírita é a melhor oportunidade para desencadear enfermidades mentais latentes. Em favor da tese que afirma que o exercício da mediunidade não age apenas desfavoravelmente sobre os predispostos mas também sobre os sãos, não somente desencadeando mas também preparando loucuras, temos os seguintes pronunciamentos:

— J. Leme Lopes sustenta que “a frequência às sessões espíritas se encontra amiúde entre os fatores *predisponentes* e desencadeantes das psicoses e das reações psicopatológicas” e que “o exercício das faculdades mediúnicas *prepara*, facilita e faz explodir alguns quadros mentais”;

— Franco da Rocha endossa as observações de Charcot, Forel, Vigoroux, Henneberg e outros, “que publicaram exemplos de pessoas, sobretudo moças, *anteriormente sãs*, que se tornaram histéreo-epilépticas, em consequência de terem tomado parte nas cenas de evocação dos espíritos”;

— Juliano Moreira confessa que viu “casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente *despertadas* por sessões espíritas”;

— J. Dutra pensa que as práticas espíritas exageradas “*preparam* a loucura”;

— A. Austregésilo declara que o Espiritismo é “uma das causas *predisponentes* mais comuns da loucura”;

— Xavier de Oliveira garante que dos casos por ele estudados no Pavilhão de Assistência a Psicopatas, 1.723 pessoas enlouqueceram “*só e exclusivamente* pelo Espiritismo”.

— Henrique B. Roxo insiste: “Uma coisa a discutir é se estas pessoas já não eram doentes mentais antes da sessão. Não, absolutamente. Não apresentavam antes qualquer perturbação mental”. Depois repete: “Raramente o indivíduo era alienado antes do Espiritismo”.

4) Mas a prática do Espiritismo ou da evocação dos espíritos não é somente causa de loucuras e perturbações das faculdades mentais; os médicos denunciam outras consequências ainda:

— faz explodir e agravar a nevrose (Franco da Rocha);

— produz perturbações nervosas (Juliano Moreira);

— determina emoções que acarretam perturbações vaso-motoras (J. Dutra);

— provoca alterações nas secreções internas (J. Dutra);

— produz histeria e epilepsia (Franco da Rocha).

5) Não apenas os médiuns, também a assistência pode ser vítima de semelhantes males:

— A prática pública de sessões espíritas, com manifestações ditas mediúnicas, exerce sobre a maior parte dos *assistentes* uma intensa tensão emocional e nos predispostos (psicopatas, neuróticos, fronteiriços, desajustados da afetividade) é a oportunidade de desencadeamento de reações que os levam ao pleno terreno patológico (Leme Lopes);

— a prática popularizada é prejudicial à saúde mental da *coletividade* (R. Cavalcanti), é nociva (P. de Azevedo), é prejudicial, principalmente nos meios incultos (M. Andrade);

- por impressionáveis, tais práticas públicas produzem alucinações (J. Dutra);
- a prática do Espiritismo tem produzido danos à saúde mental dos adeptos e *frequentadores* (J. Fróes);
- o Delírio Espírita Episódico comumente se desenvolve pela *frequência* de sessões de Espiritismo (H. Roxo);
- as sessões espíritas finalizam sempre com crises de nervos e um estado geral de excitação mais ou menos intenso (H. Roxo);
- algumas vezes há uma questão de *contágio* mental e numa casa muitas pessoas *passam o delírio de uma para outra* (H. Roxo);
- temos observado um sem número de débeis mentais apresentarem surtos delirantes após *presenciarem* sessões espíritas ou delas participarem ativamente (Pacheco e Silva).

6) Há unanimidade quase total em qualificar a pessoa do médium como tipo anormal, insano, neurótico, desequilibrado, degenerado, histérico, etc.:

- os médiuns são os neuróticos de certa classe, histéricos e obsessivos (A. Garcia);
- o médium deve ser considerado como uma personalidade anormal, predisposto a enfermidades mentais, ou já portador de psicopatias crônicas ou em evolução (R. Cavalcanti);
- o médium não pode ser considerado como tipo normal e são (D. Araújo, O.M. Andrade);
- o médium torna-se um neurastênico, autômato, visionário, abúlico (F. Franco);
- o médium nunca pode ser normal (F. Franco);
- o chamado médium desenvolvido já é um insano (P de Azevedo);
- nunca vi um médium que fosse indivíduo normal; é quase sempre um desequilibrado (Franco e Rocha);
- ainda não tive a ventura de ver um médium que não fosse nevropata (Juliano Moreira);
- o médium é um tipo anormal, um degenerado (H. de Mello);

— os médiuns devem ser considerados indivíduos nevropatas próximos da histeria (A. Austregésilo).

7) Com particular veemência é unânimemente condenado o desenvolvimento e o exercício das chamadas faculdades mediúnicas, pois esta prática:

— exalta qualidades patológicas latentes (J.A. Garcia);

— sugestiona as pessoas simples (J.A. Garcia);

— em doentes mentais precipita a psicose e dá colorido especial aos delírios (J.A. Garcia);

— é causa frequente de perturbações psicológicas (D. Araújo);

— retarda o tratamento dos pacientes (R. Cavalcanti);

— põe em evidência enfermidades mentais pré-existentes (R. Cavalcanti);

— é o principal responsável pela transformação psicológica que prepara, facilita e faz explodir alguns quadros mentais (Leme Lopes);

— exerce sobre a maior parte dos assistentes uma tensão emocional (Leme Lopes);

— age como fator desencadeante de distúrbios mentais em indivíduos predispostos (M. Andrade);

— é danoso para o organismo do médium (F. Franco);

— produz personalidades histéreo-epilépticas (Franco da Rocha);

— prepara o automatismo (Franco da Rocha);

— produz perturbações nervosas e mentais (Juliano Moreira);

— concorre para a alucinação (J. Dutra);

— determina emoções que acarretam perturbações vaso-motoras (J. Dutra);

— provoca concentração psíquica e estados de abstração (J. Dutra);

— perturba as funções vegetativas (J. Dutra);

— altera as secreções internas (J. Dutra);

— predispõe para a loucura (A. Austregésilo);

— provoca delírios perigosíssimos (A. Roxo);

— agrava muitos estados mentais já iniciados por pequenos distúrbios psíquicos (A. Austregésilo).

8) Todos são unânimes também em declarar que o exercício abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta perigos para a Saúde Pública.

9) Em vista de tudo isso reclamam ou apoiam medidas públicas de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas como nocivos à Saúde Pública:

- considero a prática do Espiritismo um grave problema social no Brasil (D. Araújo);
- as sessões públicas de mediunidade deveriam ser interditas (Leme Lopes);
- os excessos nocivos deveriam ser coibidos (P. Azevedo);
- é urgentíssima uma medida pública neste sentido (F. Franco);
- a lei devia tolher-lhe a marcha (H. de Mello);
- os prejuízos que o Espiritismo traz à Saúde Pública são evidentes (Porto Carrero);
- julgo indispensável e urgente que se estabeleçam leis que regulem esse caso (L. da Cunha);
- é uma prática perniciosíssima, que deveria ser combatida a todo transe, por isso que, sobre prejudicial à Saúde Pública, contribui para a ruína de muitos lares e dá margem a explorações as mais ignóbeis (Pacheco e Silva);
- o poder público não pode ser indiferente à ruína nervosa, senão à alienação daqueles sobre os quais lhe é missão velar, os inocentes, incautos, crédulos, que desses espetáculos e dessas sugestões podem ser vítimas (Afrânio Peixoto).

Contra esta última conclusão espíritas e liberais levantar-se-ão, com a Constituição Brasileira em punho, para bradar que, graças a Deus, neste país democrático, há liberdade de cultos. Respondemos: Sem dúvida; mas o mesmo art. 141, § 7, que nos assegura o livre exercício de cultos religiosos, acrescenta: "*Salvo o dos que contrariem a Ordem Pública ou os bons costumes*". Ora, o Espiritismo ou o exercício público e religioso da evocação dos mortos ou espíritos, além de ser tempo perfeitamente perdido (como se viu na primeira parte), é contrário ao mandamento divino

(segunda parte) e prejudicial, pernicioso, perigosíssimo, etc. para a saúde de corpo e alma dos praticantes e assistentes e, por isso, contraria à Ordem Pública e, consequentemente, é *inconstitucional*.

3) Alguns Oportunos Esclarecimentos.

Para prevenir possíveis objeções, acrescentamos os seguintes esclarecimentos:

1) O que Deus proibiu foi a *evocação* dos mortos ou espíritos, isto é: a comunicação *provocada*, de certo modo forçada, usando para esse fim meios naturais ou mágicos.

O Criador, portanto, não interditou toda e qualquer comunicação direta entre nós homens e os seres inteligentes do além. Quando, *por vontade ou por expressa permissão divina* (e não por capricho ou desejo humano!) um espírito angélico (bom ou mau, tanto faz), ou mesmo uma alma desencarnada, aparece ou se comunica conosco, o caso é bem diferente e já não se pode falar em “evocação” dos espíritos nem em Espiritismo propriamente dito. Nem toda a manifestação espiritual e sensível é logo Espiritismo! E’ essencial ao Espiritismo evocar os espíritos, provocar ou procurar positivamente, por meios mecânicos ou por outros quaisquer métodos naturais a comunicação com os falecidos. E isso — e apenas isso — é proibido. E’ um frequente abuso dos espíritas igualar aos fenômenos “espíritas” as aparições ou comunicações espontâneas, não provocadas por homens, mas ordenadas ou ao menos positivamente permitidas por Deus, e que se narram nas sagradas páginas da Bíblia ou nos anais da Igreja (particularmente em hagiografias). Quando, por exemplo, aparece Nossa Senhora à Bernadette em Lourdes, ou à Lúcia em Fátima, não estamos, evidentemente, diante duma cena de “evocação” e, consequentemente, semelhantes fenômenos de modo nenhum são “espíritas”. Nós católicos admitimos a possibilidade e a liceidade de tais aparições. Mas nem por isso somos logo espíritas! Todavia, a Igreja é muito prudente e reservada nestes casos. Sua secular experiência lhe recorda três escolhos possíveis: ou se trata de simples alucinações e sugestões (e

é o caso mais frequente), ou podemos estar diante de alguma trama de embuste, ou pode tratar-se também do demônio que, como adverte São Paulo, quando aparece, "se transforma em anjo da luz" (2 Cor 11, 14). Mas sempre que se apresentem razões evidentes e que excluam estas três possibilidades, a Igreja terá grande alegria em reconhecer as espontâneas e perceptíveis manifestações do Alto.

2) Alegam os espíritas que também nós católicos invocamos os mortos, pois os Santos também são almas desencarnadas. Respondemos: é verdade; mas há uma diferença essencial entre *invocar* e *evocar*: nós católicos invocamos não evocamos os Santos. Quem apenas invoca, não pretende obter ou até provocar uma manifestação direta e perceptível.

3) A Igreja nunca se pronunciou oficialmente sobre a questão da causa verdadeira dos fenômenos espíritas: apenas lembrou a condenação divina do exercício da "evocação" dos espíritos ou melhor: condenou esta mentalidade espírita que pretende evocar os mortos contra a vontade de Deus. A Igreja jamais proibiu o estudo, a investigação científica dos fenômenos psíquicos anormais e extraordinários que os seguidores de Allan Kardec preconcebidamente denominam de "espíritas", mas que seria muito melhor (sobretudo para evitar equívocos) classificar como "fenômenos metapsíquicos" ou "parapsíquicos". O estudo científico da Metapsíquica ou da Parapsicologia (nome preferido pelos alemães) nunca foi proibido pela Igreja.

INDICE

Prefácio	3
I. E' RACIONALMENTE INÚTIL EVOCAR ESPÍRITOS	7
1) Os quatro fatores formativos da doutrina espírita	7
2) A credibilidade dos médiuns	12
a) Fraudes conscientes	13
b) Fraudes inconscientes	21
c) Outras considerações sobre o médium	28
3) A credibilidade dos espíritos que se comunicam	33
4) A credibilidade da codificação	44
a) O codificador	44
b) Os critérios de seleção adotados por AK	48
1) O critério da linguagem digna e nobre	48
2) O critério da concordância dos espíritos	50
3) O critério da lógica e do bom senso	55
Conclusão	58
II. E' DIVINAMENTE PROIBIDO EVOCAR ESPÍRITOS	60
1) A prática do Espiritismo é antiquíssima	60
2) "Não consultarás os mortos"	62
3) Este mandamento divino jamais foi revogado ..	64
4) "Amarás o Senhor teu Deus"	67
5) Diretrizes oficiais da Igreja	69
III. E' NATURALMENTE PREJUDICIAL EVOCAR ESPÍRITOS	72
1) O Livro Negro da evocação dos espíritos	72
2) Análise sistemática da documentação	95
3) Alguns oportunos esclarecimentos	101

Livros de Orientação Católica sobre o Espiritismo

- As Fraudes Espíritas e os Fenômenos Metapsíquicos**, pelo Pe. Carlos Heredia, S. J. 1 vol. br. 150×230 mm, 367 pp. Cr\$ 40,00.
- Estudo Crítico das Ciências Ocultas**, por Filipe Machado Carrion. 1 vol. br. 140×215 mm, 175 pp. Cr\$ 15,00.
- Os Segredos do Espiritismo**, pelo Pe. Júlio Maria. 1 vol. br. 125×195 mm, 272 pp. Cr\$ 25,00.
- Tolices de Allan Kardec**, por Justino Mendes. 1 vol. br. 135×190 mm, 199 pp. Cr\$ 20,00.
- A Ilusão Espírita**, por Ramos de Oliveira. 1 vol. br. 135×190 mm, 101 pp. Cr\$ 10,00.
- Por que a Igreja condenou o Espiritismo**, por Frei Boaventura, O. F. M. 1 vol. br. 125×180 mm, 48 pp. Cr\$ 4,00.
- Material para Instrução sobre a Heresia Espírita (Primeiro Ciclo)**, por Frei Boaventura, O. F. M. 1 vol. br. 125×180 mm, 64 pp. Cr\$ 5,00.
- Material para Instrução sobre a Heresia Espírita (Segundo Ciclo)**, por Frei Boaventura, O. F. M. 1 vol. br. 125×180 mm, 96 pp. Cr\$ 8,00.
- Resposta aos Espíritas**, por Frei Boaventura, O. F. M., 1 vol. br. 125×180 mm, 144 pp. Cr\$ 12,00.
- Posição Católica perante a Umbanda**, por Frei Boaventura, O. F. M., 1 vol. br. 125×180 mm, 8 pp. Cr\$ 8,00.
- Por que o católico não pode ser Espírita**, por Frei Boaventura, O. F. M. Folheto de 16 pp. Tabela: 10 exs. Cr\$ 5,00; 100 exs. 45,00; 500 exs. 200,00; 1.000 exs. 350,00.
- Por que não admito a Reencarnação**, por Frei Boaventura, O. F. M. Folheto de 16 pp. Tabela: 10 exs. Cr\$ 5,00; 100 exs. 45,00; 500 exs. 200,00; 1.000 exs. 350,00.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23 — Petrópolis, R. J.

Palavra telegráfica — (DITE)